

UM OLHAR

UMA PUBLICAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL



TESTEMUNHO DOS CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS

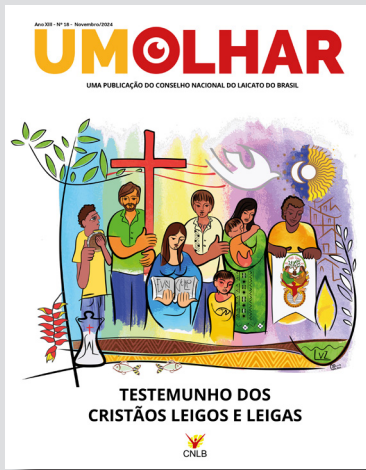
UM OLHAR

UMA PUBLICAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL

“Um olhar” é uma publicação do
CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL (C N L B)

Os textos aqui publicados correspondem à reflexão feita por seus autores e autoras,
dentro das expectativas e objetivos deste número.





CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL
Organismo do Povo de Deus da Igreja no Brasil
Brasil, 2024.

Presidência 2022-2025

Presidente: Sônia Gomes de Oliveira
Vice-presidente: Vanda Maria de Carvalho Lima
Secretário: Márcio José de Oliveira
Secretária adjunta: Patrícia Gil Cabral
Tesoureiro: Adriano Massariol Pacheco
Tesoureiro adjunto: Rejane Teixeira Gaia

Organização:

Comissão de Assessoria Permanente
Elenise Mesquita, Geraldo Aguiar, Honorata Mendes, Laudelino Augusto, Marilza Schuina, Wanda Conti

Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB/ Um Olhar. Brasília, 2024

Fotos/imagens: direito publicado de mídias digitais e do CNLB
Edições 2024
ISSN 2526-6624

Responsável: Conselho Nacional do Laicato do Brasil
SGAN 905 – conjunto C – Asa Norte – 700790-050 – Brasília – DF
Email: secretaria@cnlb.org.br



SUMÁRIO

CLIQUE E ACESSE O CONTEÚDO 

05 ORAÇÃO JUBILAR

05 APRESENTAÇÃO
A Presidência

06 INTRODUÇÃO
Comissão de Assessoria Permanente

10 FAZER MEMÓRIA, CELEBRAR A VIDA!
Elenise Mesquita e Honorata Mendes

20 A ESPIRITUALIDADE DE JESUS: MÍSTICA, PROFECIA E SABEDORIA
Lúcia Pedrosa Pádua

25 O TESTEMUNHO E SEU SENTIDO PARA OS CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS
Denilson Mariano da Silva

30 MARTYRIA, CAMINHO DE SANTIDADE
Liz Marques

36 CNLB: 50 ANOS DE PERSEVERANÇA E TESTEMUNHO
Laudelino Augusto dos Santos Azevedo

46 E ELAS/ELES O SEGUIRAM
Marilza José Lopes Schuina

Nosso Objetivo 2022-2025

EVANGELIZAR pelo anúncio da Palavra de Deus, para que os cristãos leigos e leigas, em suas diferentes expressões e carismas, se reconheçam como sujeitos eclesiais, discípulos missionários de Jesus Cristo, fiéis à evangélica opção pelos pobres nas periferias geográficas e existenciais, no caminho de uma Igreja sinodal e no cuidado com a Casa Comum, a serviço do Reino de Deus.



Oração jubilar

Senhor Deus, somos teu povo eleito,
marcado pelo Batismo e vocacionado a
construir a Civilização do Amor, anunciando o teu
Reino de justiça, fraternidade e paz!

Vivemos um tempo de graça:
são 50 anos de caminhada do Conselho
Nacional do Laicato do Brasil. Agradecemos
por tantas vidas doadas na construção desta história
e te pedimos que reinflame
continuamente em nós o ardor primeiro.
*“Profecia, Testemunho e Memória
a Serviço do Reino”! (2x)*

Guia-nos nos passos de Jesus,
dá-nos coragem de ir às periferias
geográficas e existenciais, levando esperança e consolo
aos sofredores, transformando a sociedade, nossa missão
privilegiada.
*“Trabalhamos e lutamos porque depositamos nossa
esperança no Deus vivo”! (2x)*

Teu Espírito, que sustentou os mártires a
doarem suas vidas pela Vida, anime nossa
missão de organizar o laicato no Brasil,
comprometidos com o caminho sinodal da
Igreja, sob o olhar amoroso da
Senhora Aparecida.
*Por Jesus Cristo, nosso companheiro e
irmão, amém!*

APRESENTAÇÃO

Continuamos a nossa trajetória do Jubileu do Conselho Nacional do Laicato do Brasil - *CNLB 50 anos: “Profecia, Testemunho e Memória a Serviço do Reino”*. Está chegando até você a revista UM OLHAR, edição nº 18 que aprofunda o eixo TESTEMUNHO da temática reflexiva destes 50 anos que tem como objetivo:

“Celebrar com júbilo e gratidão a memória e o compromisso do CNLB na caminhada de seus 50 anos, reafirmando profeticamente nossa presença na Igreja e na sociedade em busca da Civilização do Amor”.

Iluminados, iluminadas pela Palavra de Deus, *“Trabalhamos e lutamos porque depositamos nossa esperança no Deus vivo” (1Tm 4,10)*.

São 50 anos de vidas dedicadas ao Organismo, história que se constrói com muitas mãos na massa e muitos pés na caminhada. Gente que testemunha com a própria vida que o Reino de Deus chegou, ele já está aqui, reinado que se concretiza na partilha, na justiça social, na solidariedade, na fraternidade, na irmandade, no amor que se expressa no cuidado com o outro, a outra, no cuidado com a Casa Comum.

Como testemunhas fiéis, somos chamados e chamadas a seguir Jesus de Nazaré, que “reconhecido exteriormente como homem, humilhou-se, obedecendo até à morte, até à morte humilhante numa cruz” (Fl 2, 7-8). “Os cristãos são chamados a serem os olhos, os ouvidos, as mãos, a boca, o coração do Cristo na Igreja e no mundo” (CNBB 105, nº 102). Sejamos, pois estas testemunhas do REINO, a serviço do povo de Deus.

Nossa gratidão aos autores e autoras de cada texto que muito nos ajudam neste aprofundamento da nossa vocação como fiéis testemunhas do Reino de Deus, que é “sonho de fraternidade e amor ... labuta de um povo organizado... que não foge nunca da luta... é gente com a gente lutando, mostrando o caminho a seguir...” (cf, canção Tempo de Deus, Zé Martins).

A presidência

INTRODUÇÃO

A caminhada rumo ao cinquentenário do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, continua e, com ela, a publicação da revista UM OLHAR. Estamos no Ano XIII da revista com sua 18ª edição. É o número da maioria.

Muitas reflexões foram realizadas ao longo destes 18 números. No início da caminhada, em 2010, em seu primeiro número somos chamados a superar a imagem do cristão leigo e leiga como aquele que não é. Não é padre, não é religioso, não é bispo, para alargar a visão para aquilo que o cristão leigo e leiga é: “o leigo é a Igreja no coração do mundo e o mundo no coração da Igreja”, como nos diz Puebla. Quando Puebla faz essa afirmação, “muito

se atenta para a primeira parte do enunciado, esquecendo-se, muitas vezes, propositalmente, de que o fato de ser ‘o mundo no coração da Igreja’, significa trazer para dentro da Igreja aquele mundo que, por motivos vários, segmentos da Igreja fazem ouvidos moucos” (apresentação, UM OLHAR 2010).

UM OLHAR tem buscado ser “o mundo no coração da Igreja”, trazendo, atualizando, o olhar dos cristãos leigos e leigas que são Igreja na plenitude de sua vocação, cuidando das famílias, das comunidades, da sociedade, cuidando do mundo no trabalho, na economia, na educação, na política, na saúde, na ciência, na tecnologia, na comunicação, etc. Veja, por exemplo,

os textos do primeiro número, com o tema “*O mundo no coração da Igreja: o olhar do leigo e da leiga que os impele à palavra*”:

O protagonismo dos leigos – Hélio e Selma Amorim – “pode-se dizer que a Igreja, que é missão, se faz realidade pela ação dos leigos. Essa concepção supõe mudanças profundas no modelo multissecular das relações entre leigos e hierarquia”; “é complicado, por exemplo, tentar justificar o celibato obrigatório dos clérigos. Faz parte desse quadro o preconceito em relação à mulher”; “a ciência e a prática dos leigos cristãos no mundo ajudarão a impulsionar esse ‘aggiornamento’ sonhado por João XXIII, desde que não se calem”.



Novo mundo, novos ministérios – Carlos Francisco Signorelli – “A Igreja vai se constituindo a partir das exigências da missão à qual foi impulsionada pelo Espírito em Pentecostes. E vai respondendo de formas nem sempre similares aos problemas que vão surgindo”; “nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, na qual aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez”; “e também aqui há que se perguntar se de fato o humano da Igreja está disposto a relançar sua missão no sentido do qual estamos falando. Afinal não é fácil se desinstalar do conhecido e ir mais a fundo”.

Nossa América interpela a Igreja – Pedro Ribeiro de Oliveira – “nossos países foram formados para serem economicamente explorados pela metrópole, já que as economias tribais então em vigor de modo nenhum favorecem o comércio de mercadorias”; “perdura até hoje uma herança colonial de difícil superação, a qual só valoriza o que vem de fora, em detrimento da cultura, história, tradições nacionais e indo ou afro-americanas”; “essa

emergência dos pobres, principalmente operários e indígenas – cuja participação política nunca havia ido além do papel de atores coadjuvantes – como protagonistas no cenário político, foi uma importante contribuição ao processo de derrubada dos regimes militares de segurança nacional e de democratização dos nossos países”; “se a Igreja da América Latina e Caribe ouvir os clamores do povo oprimido e deixar-se interpelar pela realidade da periferia do sistema mundial, terá uma importante mensagem política a proclamar: ‘o mundo será melhor, quando o menor que padece acreditar no menor’”.

Possível agenda para a Igreja nos próximos anos – Luiz Alberto Gomes de Souza – “a doutrina não teria de adaptar-se passivamente a novas exigências, o que seria cair num relativismo ético, mas tratar de entender os novos códigos de linguagem, rever-se sem renunciar a solidariedades profundas, integrar novas descobertas e entrar em sintonia fina com a consciência histórica em transformação”; “os novos sujeitos históricos deverão ser levados em conta. Entre eles, os mais contestadores e desafiantes são as mulheres.

De certa maneira, os movimentos femininos são os subversivos por excelência, já que põe o dedo na mais antiga das dominações, a patriarcal”; “as CEBs, novo jeito de ser Igreja, são um laboratório de participação num processo vital de ‘eclesiogênese’. Isso nos leva à uma necessária descentralização; “temos de responder também a relação entre fé e política”; “outro tema é o ecumenismo...”.

Desenvolvimento integral da pessoa humana num mundo globalizado – Maria Júlia P. C. Ferraz e Reuben L. Barros Ferraz – um olhar a partir da Caritas in Veritate – “O papa Bento XVI pronunciou a necessidade urgente de um novo projeto de desenvolvimento global que resgaste a ética na economia e a caridade como antídoto à lógica do mercado neoliberal”; “Bento XVI realça a importância do vínculo dos direitos individuais com os deveres, no desenvolvimento integral da pessoa humana”; “Bento XVI ratifica que a natureza está à nossa disposição, não como um produto descartável que se usa e joga fora, mas como expressão de caridade e de verdade, como expressão do amor de Deus”; “a caridade na verdade é a principal força propulsora para o desenvolvimen-

to integral de cada pessoa e de toda a humanidade”.

Desafios socioculturais à vida eclesial – João Décio

Passos – “produzir é seduzir, consumir é satisfazer. Renovar os produtos é saciar os desejos humanos insaciáveis. Eis a regra que instaura um ciclo que amarra cada indivíduo ao mercado”; “a cultura de consumo significa não somente busca de satisfação, mas também realização política do indivíduo como ‘cidadania’. Quem não pode utilizar-se dos produtos da tendência do mercado é menos satisfeito e menos cidadão”; “até mesmo as coisas mais sagradas começam a ser crivadas pela criteriologia da sensualidade: o que não causar boas sensações será descartado como obsoleto, desnecessário e negativo”; “trata-se de um modo de vida retroalimentado pelo mercado, ancorado por um sistema financeiro mundializado”; “a fé cristã não permite a fuga do mundo e nos convida a discernir nele seus valores. O Concílio Vaticano II nos legou esse método ao falar dos ‘sinais dos tempos’; “a formação do sujeito cristão é o projeto pedagógico da comunidade de fé, ele se efetiva na transitividade do eu para o outro”.

Como se pode ler, os textos do primeiro número da revista

continuam dialogando com os fatos da atualidade na Igreja e na Sociedade e são um TESTEMUNHO da ação do laicato na história. Aí está uma chave de leitura para a dimensão testemunhal que dialoga com esta 18ª edição da revista, cujo tema é TESTEMUNHO DOS CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS. Os textos que apresentamos agora nos remete ao testemunho daqueles e daquelas que, na Igreja e na Sociedade, são protagonistas da evangelização, verdadeiros sujeitos eclesiais, a começar por Jesus de Nazaré, o Cordeiro Pascal. Saímos do protagonismo dos leigos e leigas, do novo mundo, novos ministérios para a interrelação à Igreja que faz a América Latina e uma Agenda para a Igreja nestes últimos anos, o desenvolvimento integral da humanidade e os desafios eclesiais. Para 2025, estes textos das primeiras revistas UM OLHAR, vão está à disposição no site: www.cnlb.org.br, onde você já encontra os números publicados de 2020 a 2024.

O texto **Fazer memória, celebrar a vida! Testemunho manifestado na 42ª Assembleia Geral Ordinária do CNLB - 30/05 a 02/06/2024 - Manaus – Amazonas**, escrito por **Elenise Mesquita e Honorata Mendes**, relata os “sinais que revelam o teste-

munho dos cristãos leigos e leigas na caminhada como Igreja, acompanhando a dinâmica sempre animada do CNLB, organizado para despertar nos cristãos a consciência da sua missão, chamados pelo batismo e fundamentados pelo *testemunho de fé dos apóstolos*. Uma assembleia no coração da Amazônia, onde as pessoas puderam firmar seus compromissos com a Integridade da Criação, com uma Sociedade de Justiça e Paz e com uma Igreja Sinodal.

Lúcia Pedrosa, com o texto **A espiritualidade de Jesus: mística, profecia e sabedoria**, proporciona uma reflexão relacional entre profecia e o testemunho, temas que estão interligados: Profecia é Testemunho e Testemunho é Profecia. “Na espiritualidade cristã, mística, sabedoria e profecia não se separam, como nos faz ver a forma de ser e viver de Jesus de Nazaré. Observando os Evangelhos vemos como, em Jesus, estas três dimensões se exigem e enriquecem mutuamente. Por isso, no seguimento do Mestre, cada cristão também testemunha a mística-sabedoria-profecia. Pela mística, nasce uma nova relação com Deus; pela sabedoria, são tecidas formas de viver e de se relacionar de maneira mais humanizada, segundo a lógica de Deus (cf. Mc 8,33); pela profecia, a Igreja e a sociedade são



Na espiritualidade cristã, mística, sabedoria e profecia não se separam, como nos faz ver a forma de ser e viver de Jesus de Nazaré

dotadas de opções ousadas e transformadoras, dignas da Palavra geradora de Deus no mundo”.

O Testemunho e seu sentido para os cristãos leigos e leigas – Denilson Mariano proporciona ao leitor/a “compreender o sentido da Palavra ‘testemunho’ em termos bíblicos e seu sentido para a caminhada dos cristãos leigos e leigas na realidade de hoje”, buscando “as raízes bíblicas dessa palavra, naqueles/as que arriscaram a vida pela fé em Deus e na defesa dos empobrecidos, resgatar um pouco de seu sentido entre os primeiros cristãos e depois olhar para os mais próximos de nós que, com sua vida, testemunharam a fé e a luta pela justiça, doando a vida pela causa do Reino”.

Testemunho que se traduz em **Martyria, Caminho de Santidade**. Assim a companheira **Liz**

Marques contribui com a reflexão aprofundando essa dimensão da entrega total da vida pelas causas do Reino: “nas Causas da Vida, as Causas do Reino, está a premissa e o compromisso de muitas mulheres e muitos homens que têm doado as suas vidas, como grão de trigo que morre para germinar a Vida, são Testemunhas Pascais. Vidas pela Vida, vidas pelo Reino”.

CNLB: 50 anos de perseverança e testemunho – Laudelino Augusto recorda que na revista anterior escreveu sobre “Como o CNLB-Organismo tem vivido, em sua caminhada, a profecia” e que para este número, o desafio é escrever sobre o Testemunho nos 50 anos do Organismo. “Os cristãos bispos do Brasil, no Documento 105: ‘Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo’, referindo-se aos ‘modos de ação transformadora’ do

cristão leigo, destacam ‘o testemunho, como presença que anuncia Jesus Cristo, em cada lugar e situação onde se encontra, a começar pela família’ (105, n. 244 ‘a’)”. O autor leva o leitor/a ao universo da atuação do laicato no “âmbito eclesial e no mundo”, através de seu Organismo.

E elas/eles O seguiram, é o texto com o qual **Marilza Schuina** apresenta como os cristãos leigos e leigas, na história do CNLB foram construindo um caminho de santidade. Com este olhar, você amigo leitor, amiga leitora é chamado também a refletir: Como estou testemunhando o Reino de Deus na Igreja e na Sociedade? Como estou contribuindo para o fortalecimento do Conselho Nacional do Laicato do Brasil?

A todos e todas, uma boa leitura.
Comissão de Assessoria Permanente



FAZER MEMÓRIA, CELEBRAR A VIDA! TESTEMUNHO MANIFESTADO NA 42ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO CNLB

30/05 A 02/06/2024 - MANAUS - AMAZONAS

Elenise Mesquita e Honorata Mendes *

Lema:

Cristãos leigos e leigas:
testemunhas do Reino

Iluminação bíblica:

“Quanto a nós, não podemos nos calar
sobre o que vimos e ouvimos” (At 4,20)



INTRODUÇÃO

O itinerário preparativo do Jubileu dos 50 anos do Conselho Nacional do Laicato do Brasil-CNLB, apresenta três eixos temáticos para estudo, reflexão e celebração – **profecia, testemunho, memória** – que devem ser desenvolvidos nos dois anos antecedentes através de algumas ações, de forma especial, nas Assembleias Gerais Ordinárias-AGO.

O primeiro foi apresentado e refletido na 41ª AGO em 2023 em Recife, - Profecia- sendo Dom Hélder Câmara o profeta dos pobres, que iluminou e fundamen-

tou com sua vida, seu testemunho profético; o segundo, vivido na 42ª AGO de Manaus, promoveu momentos diversificados trazendo não só reflexões sobre o testemunho cristão, como também situações da vivência verdadeira daqueles que testemunham sua fé em Jesus Cristo, nesta bela Amazônia com seu povo, sua cultura, rezas e ancestralidade.

Para garantir a memória de tudo que vem acontecendo nestas Assembleias voltadas para o eixo em estudo foi decidido que um texto confirmando a vivência e o compromisso dos

cristãos leigos e leigas na caminhada, fosse escrito como memória, para compor a edição das revistas com o mesmo nome. Assim foi feito no tema Profecia e agora o Testemunho vai relatado neste texto, mostrando sinais que revelam o testemunho dos cristãos leigos e leigas na caminhada como Igreja, acompanhando a dinâmica sempre animada do CNLB, organizado para despertar nos cristãos a consciência da sua missão, chamados pelo batismo e fundamentados pelo *testemunho de fé dos apóstolos* (2013 pg.185).

“Uma Assembleia no coração da Amazônia” era o que aguardavam os inscritos e desejosos de participar. Fomos, vimos, confirmamos e saboreamos do doce mel do coração dos amazenses, sempre dispostos a servir com amor em suas cuias, seus peixes e farinhada, sem faltar animação do boi e ritmos embalados. As pessoas que lá estavam testemunharam e firmaram seus compromissos com base nos três eixos trabalhados nas Tendas. É a graça do Espírito Santo que vai indicando os caminhos.

A obra do Espírito é silenciosa e imperceptível, mas seus efeitos podem ser vistos se o coração for renovado, pelo Espírito de Deus, a vida dará testemunho dessa transformação. Cristo disse a Nicodemos, “o vento sopra onde quer, e ouves sua voz, mas não sabes de onde vem e nem para onde vai; assim é todo aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,8-10). Essa virtude restauradora que nenhum olho humano pode ver, gera uma vida nova, faz um novo ser, ima-

gem de Deus. Como afirma Mário França de Miranda (2013) “*tudo isto aparece como questão da inculturação da fé a temática da maior participação do laicato na busca por expressões e práticas cristãs adequadas, a criação de novas áreas de ação missionárias, uma maior sensibilidade à voz do Espírito, que nos fala também através da sociedade; tais temáticas são decisivas para uma adequada configuração da Igreja em nossos dias*”.

Continuamos na vivência dos testemunhos, revelados pelo coração de todos os presentes.

Celebração de acolhida e abertura

No alto de uma colina, rodeada pela floresta está a Comunidade “Sementes do Verbo” que nos acolheu na Casa de Retiro de Loreto. Todos os cristãos leigos e leigas delegados/as e convidados/as, para lá se dirigiram, e os amigos e amigas foram se abraçando, se acolhendo e o clima de credenciamento foi mudando para tornar-se uma grande festa da che-

gada e uma solene celebração de acolhida. Inaugura-se aí a força do testemunho perseverante e humilde de um Regional que esperou com paciência a vez de receber os irmãos e irmãs para partilhar desafios, superar dificuldades e celebrar as conquistas unindo-se aos que, jubilosamente, preparam os 50 anos do Conselho Nacional do Laicato do Brasil.

Uma oração de acolhida, inspirada nos elementos da natureza exuberante que nos recebeu, aos pés da bela imagem de **Nossa Senhora da Amazônia** foi o jeito alegre e celebrativo de receber, no espaço denso da floresta que se fez altar da gratidão, pela disposição dos que lá estavam rompendo os obstáculos da viagem, fazendo entrega da vida e petições pelo êxito da AGO e dos 50 anos do CNLB.

Ao longe, mas perto do coração, na sutileza da espiritualidade do momento, se ouvia o canto do UIRAPURU, tão melodioso que os outros pássaros da floresta se calam para ouvir e o poeta se inspira para exaltar:

*Uirapuru, Uirapuru
Seresteiro, cantador do meu sertão,
A mata inteira fica muda ao seu cantar
Tudo se cala pra ouvir sua canção
Que vai ao céu numa sentida melodia
Vai a Deus em forma de oração!*





Testemunhamos assim, como “tudo está conectado” e ressoa numa só voz. A mística de abertura envolveu a todos com a rica simbologia que a natureza, a floresta, nossa “casa comum” nos oferece e encanta.

Após o animado almoço deu-se a solenidade de abertura da 42ª Assembleia Geral Ordinária do CNLB, marcada pela apresentação das delegações (regionais e organizações filiadas) e mensagens transmitidas pelos convidados à mesa que vão confirmando o testemunho sincero e firme. Com a saudação inicial, D. Zenildo Lima (bispo referencial do laicato do Regional Norte 1) acolheu a todos, seguido do alegre refrão “*que alegria quando me disseram vou ao CNLB*”. Este momento revela um testemunho

de doação e compromisso e nos lembra que os rios – Negro e Solimões – são diferentes, mas respeitam um ao outro, bela lição da natureza, que vamos vivenciando como Igreja que caminha junto, uma oportunidade de fortalecer o laicato do Norte e do Brasil. Quem afirmou que a AGO é um espaço para favorecer conexões, acolher regionais e organizações filiadas, mobilizar-se e partir em missão, acertou. Francisco, presidente do Regional, era pura emoção: “*aqui estamos porque somos teimosos e com alegria desejamos uma feliz AGO a todos e todas*”!

Finalmente, a presidente dá as boas-vindas, sobretudo aos que lá estavam pela primeira vez, para compartilhar e sentir um laicato de serviço, dinâmico, descentrali-

zado, fundamentado na Palavra de Deus, voltado para o cuidado com os mais fragilizados e a preservação da “casa comum”, o planeta. Os presentes, identificados com estes ideais aplaudiram e testemunharam porque também acreditam.

Ao término desta sessão de abertura, fomos convidados a nos deslocar ao centro de Manaus a fim de participar da solene Celebração Eucarística de Corpus Christi, numa tarde quente e abençoada, onde o Senhor se fez pão e colocou-se no meio de nós, que saímos em procissão de louvor e glória a Deus!

Na sequência deu-se o retorno e em seguida o jantar alegre e festivo, pelo reencontro entre irmãs e irmãos, que não têm medo de partir e testemunhar em suas vidas, os valores do Reino.

Testemunhos no VER

Neste primeiro dia trazemos símbolos, pessoas e reflexões do coração da Amazônia que se unem, interligando as três dimensões - VER, ILUMINAR e AGIR.

Como de costume, após o café, a oração da manhã que foi animada pelo Regional Noroeste, destacando a Oração do Jubileu, agradecendo e pedindo perdão pela ausência de cuidado, com frases como: *“os rios são como sangue para os seres humanos, oferecem a vitalidade e o respiro, porém a crueldade, a ganância e insensibilidade estão matando os rios e em consequência, nosso planeta também está morrendo”*. Reafirmaram que tudo está interligado para nos lembrar que assim morreremos um pouco também. Com o canto: Buscai primeiro o Reino de Deus...intercalado pela súplica: *“Oh Deus dos pobres, ajuda-nos a ajudar os abandonados e esquecidos desta terra que vale tanto aos vossos olhos”*, finalizou dando graças: *Obrigado Senhor, por estar conosco todos os dias!*

As atividades começaram com os elementos da natureza já conhecidos, interligando **a cuia e o maracá**. Algumas explicações foram dadas mostrando o significado e a utilidade para os povos da Amazônia. A Sra. Rai trouxe as características da cuia. Primeiro a dimensão espiritual, mostrando que somos uma cuia que quan-

do cai e apodrece, não serve para mais nada. Recolhe-se para a cuia ser tratada, tirar o que não é bom, limpar para poder ser usada. Uma cuia complementa a outra e se refaz no Maracá feito também com a cuia. Estes símbolos vão abrindo caminhos e quando acompanhados de canto e danças, são orações que nos ligam a Deus.

Em seguida, foi apresentado um vídeo com a saudação de Dom Jaime Spengler, Presidente da CNBB aos participantes, reforçando que *“todos os batizados são chamados a serem apóstolos e participarem da ação evangelizadora”*. Reafirma a importância do testemunho, com a célebre mensagem de São Paulo VI: *“O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres é porque eles são testemunhas”* (EN,41). Lembra ainda que a Doutrina Social da Igreja-DSI, é fundamental para quem decide viver os valores do Evangelho. A caridade e solidariedade dão forças eficazes para transformar o mundo e continua dizendo: *“É necessário ajudar nossos jovens a se comprometerem ainda mais em atividades políticas e trabalho social. Reencantar os jovens para a vocação, acima de tudo despertarem para a consciência social”*. Com esta mensagem, despede-se desejando muito êxito, entusiasmo e fecunda Assembleia.

Logo depois Márcio, secretário do CNLB, lembra que as atividades do dia formam um grande VER, que depois será iluminado para gerar compromissos. Apresenta o tema das três tendas.

1º

Testemunhando a Integridade da Criação: Serão debatidas questões como o cuidado com a Casa Comum, o meio ambiente, as cheias irregulares no Rio Grande do Sul, as mudanças climáticas e a vida do Povo da Amazônia.

2º

Testemunhando uma Sociedade de Justiça e Paz: Partilhar ideias para pensar como os valores cristãos podem permear a sociedade, promovendo a transformação em busca de justiça social, solidariedade e uma cultura de paz.

3º

Testemunhando uma Igreja Sinodal: Discussão sobre a corresponsabilidade entre o laicato, o clero e a vida religiosa consagrada nos rumos da Igreja valorizando o protagonismo dos cristãos leigos e leigas, combatendo o clericalismo e autoreferencialidade.

Testemunhos no ILUMINAR

Após o almoço, sempre festivo e repleto das gostosas comidas típicas, foi apresentada a Irmã Tea Frigerio para conduzir o **RETIRO**, iluminando o trabalho das tendas. A dinâmica foi composta de um momento de reflexão coletiva, individual e de grupos para uma conversa sobre o que ouvimos. Fala minuciosa, com momentos de silêncio para meditação. Apresentou alguns pontos para se refletir sobre o caminho a ser trilhado por cristãos leigos e leigas, como testemunhas da Igreja sinodal.

Começou indagando: onde está a nossa vida e espiritualidade? Volta-se para o tema e o lema como pontos de reflexão a serem aprofundados. Sinaliza para a necessidade de superar a dominação e o colonialismo. A importância de contextualizar o lema em Atos (1) quando Jesus diz: “sereis minhas testemunhas em Jerusalém”. Percebe-se o Antigo e o Novo. O Antigo sendo enraizado e o Novo desabrochando. Jesus provoca a reação da estrutura Judaica, dessacerdotizou a religião, nasceu leigo, cresceu como leigo e viveu como leigo. No grupo de Jesus havia homens e mulheres e sua proposta nasce nas casas. A casa da sogra de Pedro, tornou-se o primeiro espaço. É preciso tirar as amarras do antigo para se projetar o novo. Sem essa libertação é difícil

e não vamos conseguir avançar pra agir, sem medo, porque “não podemos nos calar diante das injustiças”. Lembra que Jesus não pode ser calado. Vê como grande dilema o papel do cristão leigo e da cristã leiga. Mesmo com desafios, é preciso que assumamos o compromisso e reconheçamos a necessidade de ser Igreja sinodal. Desaprender, aprender e reaprender sempre!



(Minuto de silêncio)

Vamos pensar: “não podemos nos calar sobre o que vimos e ouvimos”

Devemos fincar nossas raízes para se tornarem frondosas e darem frutos. Paulo aos Coríntios, coloca-se junto com os que conheceram Jesus. A criação nos foi entregue com luzes e sombras. A própria criação é o Evangelho. Podemos e devemos ser aqueles que testemunharam o Evangelho da criação. A realidade é uma correspondência em Deus, uma aliança entre o Céu e a terra. Toda criatura é obra das mãos de Deus, tudo vive em harmonia, tudo é administrado pela relação do Deus que parou de trabalhar no sábado, mostrando a dignidade do ser humano. Tudo é relação e há uma relação de vida entre o homem e os animais. Tudo é processo da criação.



(Minuto de silêncio)

Refletir: Como fazer para que a criação seja Evangelho para nós?

A morte de Jesus pressupõe a morte de Abel e de toda a humanidade. O primeiro ato de anti-ecologia é a morte dos inocentes, dos pobres, dos invisíveis. São estes que nos convidam a uma ecologia recreativa, um convite à construção da paz. É uma profecia de como está escrito no Apocalipse. Abre as portas do novo capítulo da criação. Com a ressurreição a terra nos mostra que é geradora de vida, nos devolve vida nova. Deve haver justiça e que seja assumida na sinodalidade.

É necessário ajudar nossos jovens a se comprometerem ainda mais em atividades políticas e trabalho social. Reencantar os jovens para a vocação, acima de tudo despertarem para a consciência social”.

Testemunhos no AGIR

Após as reflexões os cristãos leigos e leigas, despertados para agir, foram divididos e orientados a construírem em uma frase, o compromisso, fruto das reflexões e do diálogo realizado nas tendas.

Depois do jantar, momentos de descontração. Uma banda improvisada foi composta e muitas músicas brasileiras, foram surgin-

do como rastapé, MPB e cantos regionais animaram o momento.

Às 20 horas, a celebração do testemunho com o Ofício Divino das Comunidades cantado em clima de recolhimento. Uma liturgia de renovação do batismo, acompanhada do canto: *“banhados em Cristo somos uma nova criatura as coisas antigas já se passaram, somos nascidos de novo”*. Uma bacia

de água com folhas de manjeriço e hortelã para de dois em dois, procederem a bênção batismal. Com a proclamação da Palavra de Deus: *“Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa”* (1 João 1:4), foram anunciados os compromissos e no final de cada um todos e todas afirmavam: **“Cristãos leigos e leigas, testemunhas do Reino!”**

- Por uma Igreja da escuta, do cuidado e da formação sinodal.
- Reencantar a política, para defender a vida e construir o Reino de Deus. Realizar a caminhada, salvar o planeta.
- O cuidado com a Casa Comum, é nosso compromisso cristão na denúncia das sombras e do anúncio profético.
- Apresentar as fases do projeto Encantar a Política tornando conhecida a Doutrina Social da Igreja e o DOC. 105/CNBB.
- À luz da sinodalidade, vamos dialogar, de forma incisiva e profunda, com todos os seguimentos da igreja e da sociedade, para fortalecer e potencializar a formação dos cristãos leigos e leigas.
- Revisitar os documentos dos Concílio Vaticano II, dando continuidade à formação permanente, em comunhão com o ano jubilar da esperança.
- Realizar formações, com ênfase sinodal, utilizando redes para coletar, estudar e caminhar juntos.
- Promover a cultura do encontro, a partir da ecologia integral, nas diversas realidades geográficas, sociais e existenciais.
- Intensificar os cuidados com a Casa Comum contribuindo em processos sócio transformadores, observando a Palavra de Deus e o Magistério da Igreja.
- Fortalecer, de forma efetiva, a formação, em rede, através da pedagogia popular considerando teoria e prática.
- Fortalecer e participar dos movimentos das causas ligadas à Casa Comum, Laudato Si, Conselhos do Meio Ambiente, MUNDO VERDE entre outros.

Compromissos construídos e assumidos! Devem ser divulgados e meditados em cada Regional e Organizações filiadas, para em unidade, sermos testemunhas dos

clamores do povo, da terra e defendermos ações de superação na busca de uma sociedade melhor para todos, com coragem profética. (mensagem em anexo).

Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa

Testemunhos no VIVER

“Nada te perturbe”. Neste dia, o momento orante foi animado pelo CNLB Regional Nordeste 1. Todos e todas foram convidadas/os a se abraçarem durante o canto: “luz que aquece todo nosso ser”. A Palavra que entrou pelo ouvido agora entra pelo coração e cada dinâmica nos faz acolher as diversas espiritualidades, dons e carismas. Somos todas irmãs e irmãs, em Cristo.

Somos chamados a alargar a tenda. Um tecido branco cobria a todos, simbolizando a tenda, lugar onde todos e todas podem entrar. Assim, alargamos bem nossas mãos e os nossos corações em solidariedade aos irmãos e irmãs do Rio Grande do Sul. Nossas mãos, corações e preces se voltaram para a nossa irmã Edi Pradier representando os gaúchos, com um abraço coletivo, cheio de força, coragem e esperança de que dias melhores virão.

Nesta grande tenda, a presidente fez a memória do processo de revisão do Estatuto. Lembra que foi uma construção coletiva. Agradeceu à equipe pelo trabalho e à Assembleia pela participação de todas. Ressaltou, ainda que a votação do Estatuto será um momento muito importante da Assembleia, que faz história e ficará na memória do Organismo.

A Assembleia Geral Extraordinária, AGE-CNLB, foi aberta e Sônia nos lembrou que o nosso querer não pode se sobrepor ao querer da maioria. Vamos viver um dia de muita seriedade e discernimento. Neste sentido, a oração foi retomada em vários momentos do dia, manifestando o desejo de alcançarmos a voz do Espírito Santo, a Divina Ruah, para ouvirmos o que pede aos cristãos leigos e leigas no momento, projetando o futuro. Feita a leitura do Regimento, alguns ajustes e informes para bem ser conduzida, também lembrado que o percurso se deu a partir dos momentos de escuta sob o título: “Novo tempo, Novo Estatuto, Rumo ao Jubileu 50 anos do CNLB”. Prosseguiu então a sessão de trabalho, votação e aprovação. Ao final, o destaque sobre a Conferência foi remetido a outros momentos para mais estudo e debate, considerando a realidade e mudanças ocorridas, em vários âmbitos. Muitos aplausos pelo resultado!



Foi um testemunho de coragem, resiliência e responsabilidade para com o Organismo que se atualiza para melhor servir. A Presidente agradeceu e aclamou a aprovação do Novo Estatuto do CNLB que segue para homologação. No final do dia, a oração feita por Marlene da CVX, que é a “própria oração” pela calma, espiritualidade, alegria e coragem que transmite, intuindo o que diz a canção: “é preciso amor para poder pulsar”, foi a bênção da noite. Neste clima de ação de graças, pelo grande feito, deu-se uma confraternização, denominada “Noite do bem conviver” onde o até o BOI entrou na tenda: “Caprichoso e Garantido” animaram a noite com comidas típicas, canto e muita dança.

Testemunhas ATÉ O FIM...

No domingo, último dia, depois da oração feita pelos jovens e a memória do dia anterior foi proposto um gesto concreto: coleta de contribuições a serem oferecidas na Celebração Eucarística de encerramento como colaboração ao Presidente do CNLB Regional Norte 1- Francisco - para ajudar no tratamento de saúde que vem fazendo, em gratidão pela acolhida e esforços empreendidos nesta ação desafiante.

Nesta manhã, realizou-se mais uma sessão de trabalho, onde toda a presidência e os GTs apre-

sentaram o resultado das ações previstas como: apresentação da situação financeira, projetos aprovados e possibilidades de captação de recursos; lançamento do subsídio: Tempo de Missão no CNLB; a vocação leiga; a Revista Um Olhar nº 17; distribuição do documento 105/CNBB e outras atividades realizadas resultantes do esforço de cada um e cada uma para levar avante o Organismo vivo e forte e gerar cristãos conscientes e corresponsáveis pela ação evangelizadora, que vai construindo o Reino entre nós.

No final, uma Celebração Eucarística de encerramento, presidida por Dom Giovane, referencial do Laicato, que abençoou e enviou todos à MISSÃO, fazendo ressoar em todo lugar, o mandato de Cristo: **Sereis minhas testemunhas** (At 1,8). Após a confraternização final, foi a hora de contemplar mais uma vez a densa floresta, fortalecer a esperança com o brilho do verde e ouvir ao longe o canto de despedida:

Uirapuru, Uirapuru

*Seresteiro, cantador do meu sertão,
Se Deus ouvisse o que lhe sai do
coração*

*Entenderia que é de dor sua canção
E dos seus olhos tanto pranto rola-
ria Que daria p'ra salvar o meu
sertão.*

Composição: Jacobina / Murillo Latini

Finalizando

Neste tempo de graça, celebramos e testemunhamos a vida na sua integralidade. Constatamos na prática, na vivência de quem segue, a fidelidade ao chamado de todos os cristãos leigas e leigos a testemunharem Jesus Cristo, pela graça do Espírito Santo que recebem no Batismo, como comunidade de discípulos missionários, em comunhão com toda a Igreja e “peregrinos da esperança, rumo ao Jubileu 2025” em atendimento ao convite do Papa Francisco, neste ano da oração.

Os ensinamentos da Doutrina Social da Igreja-DSI, citados como fundamental para o crescimento sócio-político-ecclesial, não só para conhecer mas aplicar com coragem, lembrando o apoio de Dom Jaime e o compromisso proclamado. Esta firmeza nos leva a valorizar e incentivar o estudo de assunto tão importante para nossa vida cristã como nos diz Dom Aldo di Cillo Pagotto, sss, em texto escrito, quando era Arcebispo da Paraíba (de saudosa memória).

“A Doutrina Social da Igreja é o encontro da mensagem evangélica com os problemas que emanam da vida da sociedade. Constitui-se em um conjunto de princípios de reflexão, de critérios de julgamento e diretrizes de ação. O objeto principal desta doutrina social é a dignidade da pessoa humana, imagem de Deus e a defe-

sa de seus direitos inalienáveis. É uma formulação acurada dos resultados de uma reflexão atenta sobre as complexas realidades da existência do homem, na sociedade e no contexto internacional, à luz da fé e da tradição eclesial. A sua finalidade principal é interpretar estas realidades, examinando a sua conformidade ou desconformidade com as linhas do ensinamento do Evangelho sobre o homem e sobre a sua vocação terrestre e ao mesmo tempo transcendente; visa, pois, orientar o comportamento cristão. O ensino e a difusão da D.S.I. fazem parte da missão evangelizadora da Igreja. D.S.I. é orientada para a ação e desenvolve-se em função das circunstâncias mutáveis da história. Por isso, embora contenha princípios sempre válidos (elementos permanentes), ela também comporta juízos contingentes (elementos variáveis). É, pois, uma doutrina dinâmica. Ela orienta e estimula o discernimento das comunidades cristãs habitadas pelo Espírito que enquadra, à luz do Evangelho, os grandes sinais dos tempos” (Dom Aldo Pagotto).

Reconhecemos que deve ser valorizada, conhecida, estudada, e aplicada para ajudar os cristãos leigas e leigos a impregnarem a sociedade dos valores evangélicos e testemunharem com sua própria vida sendo Igreja no coração do mundo (Puebla) defendendo as causas co-

locadas e confirmando: “**não podemos deixar de falar sobre o que vimos e ouvimos**” (At 4,20).

Registramos aqui, um agradecimento muito especial, às duas cristãs leigas, Jenifer Felipe Tavares, do Regional Leste 1, da Comissão de Comunicação do Regional e da Comissão de Juventudes do CNLB, como também, à Célia Soares de Souza, do CNLB de Guarulhos, Comissão de Formação e da Comissão para o Laicato da CNBB, pela colaboração a este texto, enviando-nos suas anotações da memória relatada durante a Assembleia. Gratidão amigas! Uma partilha preciosa!

Que a Nossa Senhora da Amazônia, nos ensine a testemunhar com autenticidade, coragem e entusiasmo o que defendemos, para que possamos contribuir na construção da sociedade solidária, justa e fraterna que almejamos como “**cristãos leigos e leigas: testemunhas do Reino**”!

Elenise Mesquita, cristã leiga, do Conselho Arquidiocesano de Leigos de Fortaleza, das Equipes Docentes-EDO (Fortaleza/CE), compõe a Comissão de Assessoria Permanente (CAP), elenisemesquita@gmail.com; Honorata Mendes, cristã leiga, da Comunidade de Vida Cristã-CVX, do Conselho Arquidiocesano de Leigos de Fortaleza, compõe a Comissão de Assessoria Permanente, honorataferreira@hotmail.com;

Para refletir:

- A- Como cristãos leigos e leigos estamos preparados/as e/ou dispostos/as a enfrentar os desafios de testemunhar Cristo, no mundo atual? O que tem sido feito? Dê exemplo.
- B- Sendo a DSI tão importante, temos despertado para conhecer e divulgar? Por que é desconhecida e desvalorizada? Que ações realizar para divulgar, estudar e vivenciar seus ensinamentos?
- C- A Igreja, deveria empenhar-se mais na luta pela promoção humana, a justiça, a paz e a solidariedade? O que está faltando no contexto geral das ações evangelizadoras, para que este dinamismo aconteça?

Para aprofundar:

BRIGHENTI, Agenor. *A Laudato SI no pensamento social da Igreja: da ecologia ambiental à ecologia integral*. São Paulo: Paulinas, 2018 – Coleção ecos de Francisco.

JUNIOR, Francisco de Aquino. *ENCÍCLICAS SOCIAIS- um guia de leitura*. São Paulo: Paulinas, 2023.

MESSIAS, Elvis Rezende, Dom Pedro Cunha da Cruz. *O Evangelho Social: Manual básico de doutrina social da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2020 – Coleção palavra da Igreja.

MIRANDA, Mário de França. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013 – Coleção ecclesia XXI.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011.

STELLA, Adriano. *Por uma Igreja do Reino - Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial*. [Traduzido por José Raimundo Vidigal]. São Paulo: Paulus, 2010.

A ESPIRITUALIDADE DE JESUS: MÍSTICA, PROFECIA E SABEDORIA

Lúcia Pedrosa-Pádua*



Na espiritualidade cristã, mística, sabedoria e profecia não se separam, como nos faz ver a forma de ser e viver de Jesus de Nazaré. Observando os Evangelhos vemos como, em Jesus, estas três dimensões se exigem e enriquecem mutuamente. Por isso, no seguimento do Mestre, cada cristão também testemunha a mística-sabedoria-profecia. Pela mística, nasce uma nova relação com Deus; pela sabedoria, são tecidas formas de viver e de se relacionar de maneira mais humanizada, segundo a lógica de Deus (cf. Mc 8,33); pela profecia, a Igreja e a sociedade são dotadas de opções ousadas e transformadoras, dignas da Palavra geradora de Deus no mundo.

Olhemos para a espiritualidade de Jesus.

Jesus, o profeta

Iniciemos com a dimensão profética de Jesus, pois sabemos, pelos Evangelhos, que ele foi reconhecido como profeta e assim se via a si próprio. Ele mesmo disse que *“nenhum profeta é bem acolhido em sua própria pátria”* (Lc 4,24). Como profeta, Jesus:

- falou claramente, criticando o seu próprio país, sociedade e mesmo instituições religiosas em suas contradições e infidelidades ao projeto de amor e justiça de Deus;

- soube ler os sinais dos tempos e, ao contrário dos líderes religiosos, soube perceber a situação dos trabalhadores do campo e das cidades e o sofrimento dos pobres que empobreciam a cada dia. E nisso não foi ingênuo;
- teve consciência da tensão e conflito que provocava. Mas este conflito é vivido como bem-aventurança: *“felizes sereis quando vos odiarem e rejeitarem”* (Lc 6,22-23);
- teve também consciência do destino incompreendido e violento dos profetas (cf. Mt 23,29-35).

Jesus é, assim, um homem em constante e audaz missão, a serviço dos demais. Seus seguidores aprendem, como seu Mestre, a falar e a agir com ousadia.

Jesus, o místico

O Jesus místico é tão forte quanto o Jesus profeta. Os evangelhos nos mostram como sua atividade e missão são sustentadas por uma experiência única daquele que ele chamava de Abbá – Pai. A relação de Jesus com o Pai se dá através de constante oração e de profunda contemplação. Jesus rezava porque necessitava, de fato, da luz, da força e do discernimento que vem de Deus.

Os discípulos viram Jesus frequentemente em oração. Às vezes, ele se afastava para rezar.

Textos bíblicos indicam que Jesus aproveitava todas as oportunidades possíveis para retirar-se e entregar-se à oração e à reflexão (Mc 1,35; 6,46; Lc 4,42; 11,1; 22,41; Mt 14,23; 26,36). E o fazia com regularidade, pois Lucas observa que ele *“permanecia retirado em lugares desertos e orava”* (Lc 5,16). Além disso, Jesus recomendou a oração na intimidade do quarto, não como os hipócritas que gostam de ser vistos pelos outros (Mt 6,5-6). Assim, podemos estar certos de que Jesus passava muito tempo rezando em lugar oculto.

A oração de Jesus é vivida em relação com os acontecimentos mais significativos de sua vida. Segundo os evangelhos, Jesus orou:

- depois de seu batismo (Lc 3,21);
- no início de sua missão (Lc 4,1);
- em dias de intensa atividade (Mc 1,35; Lc 5,16; Mt 14,23);
- antes de vários momentos significativos, como a eleição dos apóstolos (Lc 6,12), a profissão de Pedro (Lc 9,18), a oração do Pai-Nosso (Lc 11,1), a ressurreição de Lázaro (Jo 11,41), sua paixão e morte (Jo 17,1-26).

Jesus orou no acontecimento da transfiguração (Lc 9,28-29); no Getsêmani, antes de sua morte (Mt 26,36-44; Mc 14,32-34; Lc 22,32.41.44); na cruz, em que ofe-

rece o perdão e entrega sua vida (Mc 15,34; Mt 27,46; Lc 23,34.46).

Sua oração estava vinculada à sua vida e à sua missão, sem fuga ou alienação. Oração e vida se fecundam mutuamente, a oração está relacionada à missão e esta com a oração. Jesus passou por situações de alegria, ânimo, êxito e aclamação, mas também por duros momentos de dificuldade, crise, fracasso e perseguição até a morte. Em todos estes momentos está presente a oração, sempre como um diálogo, como relação pessoal com Deus-**Á-gape**, gratuito e próximo.

A oração que melhor traduz a relação de Jesus com o Pai é o Pai-Nosso (Mt 6, 9-12; Lc 11, 1-3). Ela é também o modelo de nossa oração. Nela, Jesus ensina a chamar a Deus de *Abbá*, que poderia ser traduzido como *paizinho*. Ela revela a relação próxima e de total confiança de Jesus com seu Pai. Os discípulos se lembram de ver Jesus se dirigindo a Deus com esta palavra familiar e que ele os ensinava a fazer o mesmo. Por uma palavra pouco convencional, foi conservada no NT no original aramaico: “*Abbá-Pai*” (Mc 14,36; Gl 4,6; Rm 8,15).

Esta relação entre Jesus e o Pai é a fonte da sabedoria, discernimento, confiança e liberdade de Jesus, sem a qual não é possível compreender o seu amor para com todos, inclusive aos inimigos, e o porquê de suas ações.

O centro da oração que Je-

sus ensina, o Pai Nosso, é o *Reino de Deus*, que pedimos e com o qual nos comprometemos com o perdão e a partilha do pão. Mas Jesus faz sérias críticas a formas de oração que não levam ao Reino. Aquela oração sem coerência de vida (Mt 6, 5); mecânica, sem compromisso, que multiplica palavras (Mt 6,7); separada do acolhimento concreto da vontade de Deus (Mt 7, 21-23: “*não basta dizer Senhor, Senhor...*”). A oração arrogante e cheia de auto-contemplação (Lc 18, 11-12) não estabelece um diálogo de abertura ao dom de Deus, ao contrário, reforça o fechamento do ser humano em si mesmo. Leva ao narcisismo e ao autoengano. A verdadeira relação com Deus, ao contrário, recria as relações fundamentais do ser humano: com Deus, consigo mesmo, com os irmãos e com a natureza.

Na vida de Jesus, mística e profecia se unem de uma forma extraordinariamente simples. Um todo inseparável. Por isso, denominar a tradição espiritual cristã como tradição místico-profética é uma forma de ultrapassar os antagonismos do passado e de hoje. Algumas pessoas pensam que a oração não tem relação alguma com as atitudes e formas de atuar, mas os evangelhos nos mostram o contrário. A oração fecunda uma vida que busca amar concretamente e que opta pela justiça, especialmente aquela relativa aos pobres e aos excluídos.

Jesus, o sábio

A esta mística-profecia, devemos unir a sabedoria. Jesus é mestre de sabedoria. É um sábio. O Evangelho de Mateus manifesta este reconhecimento. Diante dos ensinamentos de Jesus, os ouvintes perguntam admirados: “*Donde lhe vem esta sabedoria?*” (Mt 13,54). Jesus não apenas se expressa como os sábios, ele vai mais além, pois nele a sabedoria de Deus se manifesta. Lemos em Mt 11,28-30: “*Vinde a mim, todos vós que estais cansados sob o peso do fardo, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo, e sede discípulos meus, porque eu sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Sim, o meu jugo é fácil de carregar e o meu fardo é leve*”. Ora, no Livro do Eclesiástico (51,23-29) encontramos palavras semelhantes, atribuídas à Sabedoria. Jesus, por sua vez, se expressa em primeira pessoa: “*vinde a mim*”. Isto nos mostra porque, para a fé cristã, Jesus mesmo é a sabedoria vinda de Deus.

A sabedoria de Jesus orienta o bem viver segundo os critérios do Reino de Deus. Ela penetra o cotidiano da vida e das relações sociais de forma a humanizar a convivência, dar sentido às atividades, ajudar a amar com paciência e perdão, viver o cotidiano sem medir as pessoas pelo resultado, ensinar a servir, ser bom e confiar.

Uma atitude de escuta e de prática deve caracterizar o seguidor de Jesus. Especialmente os que governam devem se imbuir desta sabedoria: mães, pais, mestres, grupos, governantes. O estilo pedagógico de Jesus faz parte de sua sabedoria. Ele parte da vida cotidiana, como podemos encontrar nas parábolas. Estas falam de pastor e de ovelhas, de videiras, de compra e venda, de moeda perdida, de casa a ser construída, de tesouro a empregar.... Os personagens são um rei, um pai, um filho, um empregado, um senhor, uma dona de casa.... Referem-se à vida rural e do campo. Muitos discursos de Jesus também apresentam um perfil sapiencial, orientam a vida e as relações humanas e comunitárias, como o sermão da montanha (Mt 5-7) ou o discurso do pão da vida (Jo 6). Como os sábios, Jesus se expressa através de máximas, conselhos e exortações (Mt 26,52; Mt 16,25; At 20,35; Mc 9,40; Mt 8,22; Mt 22,21 etc).

O apóstolo Paulo, por sua vez, coloca em evidência que a sabedoria de Deus é manifestada em Cristo crucificado (1Cor 1,23-24). Ressalta como a lógica do Reino trazido por Jesus contradiz a lógica das pretensões humanas. Por isso, a sabedoria do Reino é considerada loucura por uns e escandaliza outros. No entanto é esta, não outra, a sabedoria de Deus!

O centro da oração que Jesus ensina, o Pai Nosso, é o Reino de Deus, que pedimos e com o qual nos comprometemos com o perdão e a partilha do pão.

A separação errônea acontecida na história

Na história das religiões, não faltaram análises que privilegiaram a contraposição entre mística e profecia. Separavam, inclusive, as religiões proféticas das religiões místicas. A profecia foi associada à afirmação da pessoa, do mundo e da história; a mística, à negação destas realidades. Segundo este dualismo:

- a profecia propõe uma transformação do mundo, enquanto a mística tende à fuga;
- a profecia propicia uma relação histórica com Deus, enquanto a mística vive uma experiência a histórica;
- a profecia é ativa e evangelizadora, enquanto a mística é passiva e contemplativa, sem ação.

Esta contraposição atingiu inclusive a relação da mística com



a ética. Segundo esta contraposição, haveria pessoas que encarnam ou uma coisa ou outra, como se fossem duas formas diferentes e incompatíveis de realização da existência humana. A ética ou moral estaria ligada ao dever, ao esforço, à vontade de atitude e compromisso. A mística se relacionaria à passividade e gratuidade, ao entusiasmo, ao êxtase e à despreocupação com o que se encontra ao redor. Contraposição que figura como um dos tantos dualismos fortemente enraizados em nossa cultura, de raízes platônicas e neoplatônicas. Algumas tendências místicas também ajudaram nesta contraposição.

Mas estas contraposições têm escasso fundamento. Vimos como a espiritualidade de Jesus é místico-profética-sábia, inter-relacionadas de maneira extraordinariamente simples e integrada.

Concluindo

O convite de trilhar o mesmo caminho de Jesus continua aberto. Cada cristão e cristã é chamado a viver integradamente:

- a mística, como um estar em relação com o mistério de Deus, cuja Encarnação engloba o mistério de cada um, do mundo e da natureza;
- a sabedoria, como arte de discernir os caminhos de Deus tanto no ser e viver cotidianos, de tal forma que o modo de ser de Jesus, que foi contracorrente, questione o mundo consumista, individualista e indiferente e crie formas mais sábias e solidárias de viver;
- a profecia, como fogo que não deixa calar e que, em tempos difíceis, abre, com audácia, caminhos do mundo novo que Deus deseja.

Sejamos místicos, sábios e profetas. Assim poderemos também sonhar com a humanização do mundo pelas mãos de Deus.

Lúcia Pedrosa-Pádua é doutora em teologia sistemática pela PUC-Rio, onde é pesquisadora e professora em tempo contínuo. Atua nas áreas de Antropologia Teológica, Mariologia e Espiritualidade. Graduada em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, MG) e em Economia pela UFMG. Coordena o Ataendi, Centro de Espiritualidade da Instituição Teresiana no Brasil, dedicado à formação de cristãos leigos e leigas e trabalha na ação pastoral junto a comunidades.

Para refletir:

Como podemos viver a espiritualidade de Jesus?
O que caracteriza um seguidor de Jesus?

Para aprofundar:

AZEVEDO, Marcelo. *A oração na vida: desafio e dom*. São Paulo: Loyola, 1988.

BRITO, Jacil Rodrigues. *Faça de sua casa um lugar de encontro de sábios*. São Paulo: Paulinas, 2011.

ESPEJA, Jesús. *Espiritualidade Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GARCIA RUBIO, Alfonso. *O Encontro com Jesus Cristo vivo*. 14ª ed., São Paulo: Paulinas, 2010.

Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. 4ª ed., São Paulo: Paulus, 2006.

GILBERT, M. Sabiduría. In: ROSSANO, P. et al. (dir.). *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*. Madrid: Paulinas, 1990, p. 1711-1728.

MARTÍN VELASCO, Juan. *El fenómeno místico*. Estudio comparado. Madrid: Trotta, 1999, p. 25-28.

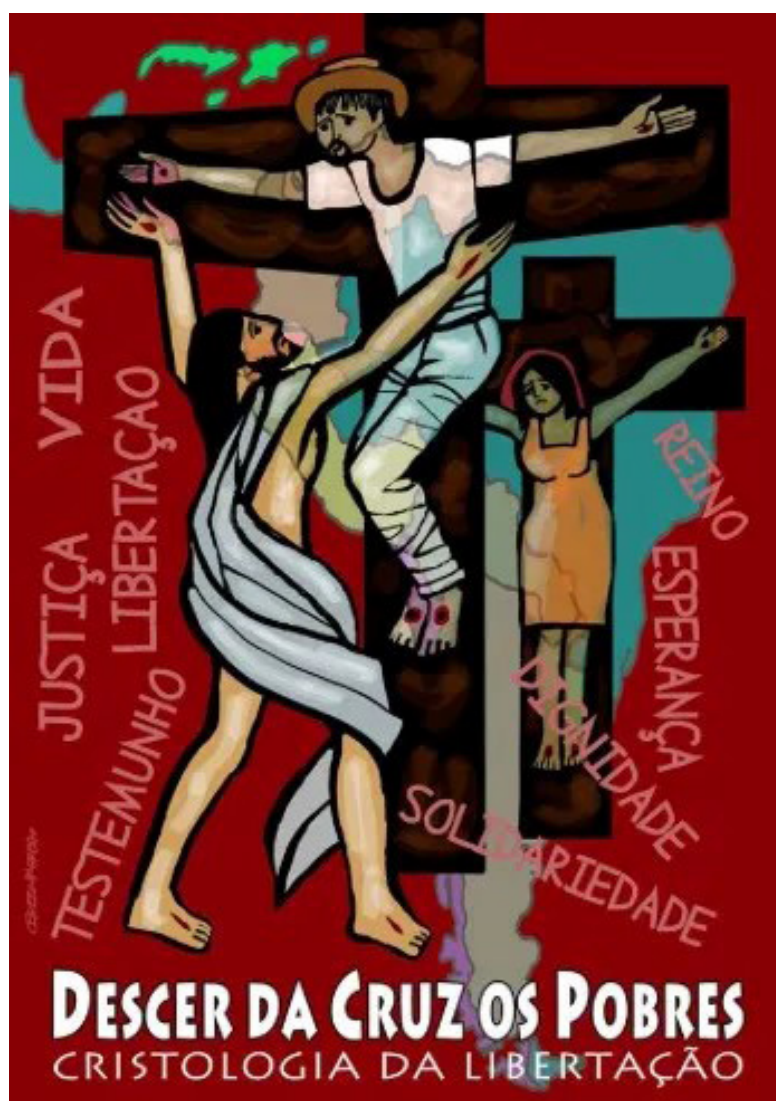
NOLAN, Albert. *Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. São Paulo: Paulinas, p. 101-107.

PAGOLA, José Antonio. A. *Jesus*. Aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2010.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. Mística e profecia na espiritualidade cristã. O testemunho de Santa Teresa de Jesus. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 757-778, jul./set. 2012. Acessível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n27p757/4251>. Acesso em 30 de junho de 2018.

O TESTEMUNHO E SEU SENTIDO PARA OS CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS

Denilson Mariano da Silva



Nosso intento aqui é buscar compreender o sentido da Palavra “testemunho” em termos bíblicos e seu sentido para a caminhada dos cristãos leigos e leigas na realidade de hoje. Vamos buscar as raízes bíblicas dessa palavra, naqueles/as que arriscaram a vida pela fé em Deus e na defesa dos empobrecidos, resgatar um pouco de seu sentido entre os primeiros cristãos e depois olhar para os mais próximos de nós que, com sua vida, testemunharam a fé e a luta pela justiça, doando a vida pela causa do Reino.

A palavra “testemunho” vem do grego “*martyria*”, ela é sinônimo de martírio, que significa *dar a vida por aquilo que acreditamos*. É algo muito forte e presente na Igreja dos primeiros séculos. Os primeiros cristãos, seguidores e seguidoras de Jesus, apesar das fortes perseguições, mantiveram a fé e a fidelidade à proposta de vida de Jesus. Seu amor pelo Reino tornou-se tão forte que eles não apenas anunciavam Jesus, mas o testemunhavam com suas vidas: “cheios de intrepidez, davam testemunho da ressurreição do Senhor” (At 4,33). Mas voltemos nosso olhar um pouco mais longe. Embora o martírio, como sacrificar a própria vida pela fé, seja uma ideia mais desenvolvida no Novo Testamento, o conceito de testemunho fiel à verdade e à Aliança com Deus já aparecia nas Escrituras Hebraicas.

Raízes bíblicas da palavra testemunho

As raízes dessa palavra “testemunho” podem ser encontradas no Antigo ou Primeiro Testamento. Nesse contexto, é uma palavra usada para indicar a fidelidade ou para assegurar a verdade de alguém, de al-

gum acontecimento ou julgamento. Eis alguns acenos: ela serve para assegurar a justiça e dar validade a fatos, comprovando ou não uma verdade: “Uma só *testemunha* não é suficiente contra alguém, seja qual for o caso de crime ou pecado” (Dt 19,15); indica ainda uma conduta reta, honesta e digna, que deve ser a conduta de todo o povo de Deus, tanto que aparece como um dos 10 mandamentos: “Não apresente *testemunho* falso contra o seu próximo.” (Ex. 20,16); por outro lado é utilizada para demonstrar a fidelidade e a retidão de Deus que sustenta a Palavra dada a seu povo: “o *testemunho* do Senhor é firme, instrução para o ignorante” (Sl 19,8);

Testemunho ainda aparece como uma busca da fidelidade do povo para com Deus: “Então Josué disse ao povo: ‘Vocês são *testemunhas* contra vós mesmos de que escolheram servir o Senhor’. O povo respondeu: ‘Nós somos *testemunhas*’” (Js 24,22); ainda indica os escolhidos, os porta-vozes de Deus para anunciar a sua Palavra, no caso, os profetas: “Minhas *testemunhas* são vocês. Vocês são os meus servos, aqueles que eu escolhi, para que vocês fiquem sabendo e acreditem em mim e compreendam que eu sou...” (Is 43,10). Por fim, é utilizada também para contrapor a fidelidade de Deus diante da infidelidade do povo: “Peguem este livro da lei e o coloquem ao lado da arca da aliança do Senhor, seu Deus. Ele

ficará aí como *testemunho* contra você.” (Dt 31,26); “Escutem, povos todos! Prestem atenção, ó terra e tudo o que a povoal; do seu Templo santo o Senhor Deus seja *testemunha* contra vocês.” (Mq 1,2)

Arriscar-se pela causa de Deus

Entre os profetas do Antigo Testamento, o conceito de “*martyria*” (testemunho) pode não ser diretamente vinculado ao ato de dar a vida, mas à atitude de arriscar-se pela causa de Deus, o empenhar a vida na defesa da justiça e da verdade, o correr riscos para cumprir a missão dada por Deus. Isso é fortemente presente na vida e no ministério dos profetas que eram pessoas chamadas do meio do povo para anunciar a Palavra de Deus e denunciar as injustiças. Para isso, enfrentavam embates contra reis poderosos, condenavam práticas injustas, o que muitas vezes os colocava em situações de grande perigo. Nas Escrituras hebraicas esse conceito de testemunhar Deus pela fé, com grande risco pessoal está presente em várias passagens proféticas. Vejamos alguns dos profetas que enfrentaram riscos e sacrifícios!

Jeremias enfrentou forte oposição dos líderes de Israel por proclamar o juízo de Deus sobre Jerusalém, por isso sofreu perseguições, foi preso e quase morto por causa de suas profecias (cf. Jr 38,6). O profeta Elias foi perseguido pela rainha Jezabel por confrontar a ido-

latria de Baal, correndo sério risco de vida. Ele chegou a se esconder no deserto e a pedir a morte, mas Deus o reconduziu à sua missão (cf. 1Rs 19:1-18). Os cânticos do Servo Sofredor no livro de Isaías revelam a dureza da perseguição enfrentada pelo profeta por ser fiel a Deus denunciando as injustiças: “foi preso, julgado injustamente e quem se preocupou com a vida dele?” (cf. Is 52,13-15 e 53,1-12). Por sua vez, Amós foi um profeta que, apesar de ser de Judá, no Sul, foi chamado para profetizar no Reino do Norte, enfrentando grande resistência e ameaças de morte por denunciar a injustiça e a corrupção (cf. Am 7,12-13).

Em todos esses casos, testemunho é uma atitude que envolve doação, sacrifício, ousadia e risco de morte. Isso está implícito na vida e no ministério exercido pelos profetas e profetizas bíblicos. Embora não seja utilizado o termo grego “*martyria*”, a ideia de dar a vida ou enfrentar grandes perigos pela causa de Deus certamente é parte do legado dos profetas que arriscavam suas vidas pela causa de Deus, sobretudo pela defesa da vida e da dignidade dos mais pobres: as viúvas, os órfãos e estrangeiros (cf. Is 1,23; Jr 22,3; Zc 7,10; Dt 10,17-18).

Por essas poucas passagens temos uma aproximação do uso da palavra testemunho no Antigo Testamento. Esse conceito é frequen-

temente usado em um contexto de aliança, julgamento e revelação divina. O testemunho é algo que sustenta a verdade, a conduta reta, a honestidade, bem como a busca e a prática justa a favor dos mais empobrecidos. Mas no Novo ou Segundo Testamento há uma radicalização que revela um sentido ainda mais profundo.

“O sangue dos mártires semente de novos cristãos”

A fé em Jesus, selada pelo acontecimento da ressurreição do Senhor, moldou nos primeiros cristãos um novo modo de ser, de viver e de conviver. Uma vida nova baseada no seguimento de Jesus e nos ensinamentos deixados por Ele. Isso era tão forte, tão vivo dentro de cada um, que nem mesmo a ameaça de morte e a tortura tinham forças para desviá-los desse propósito de seguir Jesus e de anunciar a experiência de sua ressurreição. O testemunho era o jeito de ser, de viver, conviver e de crer dos primeiros cristãos. Assim o resume Paulo Apóstolo: “Já não sou eu quem vivo, é Cristo que vive em mim!” (Gl 2,20).

Nos primeiros séculos do cristianismo a perseguição aos cristãos foi dura e violenta, no entanto, o testemunho de fé era mais forte e sempre suscitava, fazia brotar, novos seguidores/as. Assim como a vida de Cristo havia marcado, indelevelmente, seus seguidores, o

testemunho dos cristãos marcava a vida de novos seguidores. Durante o período das perseguições romanas, o martírio era visto como o testemunho mais nobre da fé em Cristo. A palavra “mártir” indica aquele que é “testemunha” (de Jesus), traz consigo a ideia de dar testemunho de Cristo até às últimas consequências. Ou seja, antes morrer que negar a fé em Cristo.

Para os primeiros cristãos, o martírio era considerado uma imitação direta de Cristo, que sofreu e morreu injustamente. Muitos acreditavam que morrer como mártir garantia a salvação imediata, pois essa morte era vista como um sinal máximo de fidelidade a Deus. O mártir, ao aceitar a morte sem renunciar à sua fé, era tido como um herói espiritual, alguém que ultrapassava o medo da morte e das torturas por causa de uma verdade maior: a fé no Evangelho e na ressurreição de Jesus.

O martírio era visto como um meio de salvação. Ao sofrer e morrer por Cristo, os cristãos tornavam-se diretamente participantes da paixão de Cristo e da redenção do mundo.

O martírio era visto como um meio de salvação. Ao sofrer e morrer por Cristo, os cristãos tornavam-se diretamente participantes da paixão de Cristo e da redenção do mundo. Em alguns casos, o martírio era até desejado, acreditava-se que levaria diretamente à união com Deus e à participação no reino celeste. Os relatos e narrativas sobre a vida e morte de mártires eram amplamente divulgados para edificar a comunidade cristã e reforçar a fidelidade ao seguimento de Jesus, como continuadores de sua missão neste mundo. O martírio era mais que um fim trágico; era um testemunho público de fé, uma participação direta na paixão de Cristo e um caminho para a glória eterna.

Tertuliano, um dos primeiros teólogos cristãos e escritor do século II d.C., diante da perseguição romana aos cristãos, afirmou algo que depois se converteu nessa expressão: “O sangue dos mártires é semente de novos cristãos”. Ele escrevia para defender a fé cristã, argumentava que, apesar das tentativas do Império Romano de destruir a Igreja por meio da repressão e da execução de cristãos, as perseguições, na verdade, fortaleciam a fé e levavam mais pessoas à conversão. Assim, o “sangue dos mártires” tornou-se uma “semente” que fazia brotar novos cristãos, aumentando o número de fiéis, mesmo em tempos de inten-

sa perseguição. O sofrimento e a morte dos mártires não eram em vão, antes serviam para fortalecer a Igreja e espalhar a mensagem do cristianismo, mesmo sob a opressão romana.

Dar a vida por aquilo que acreditamos

No decorrer da história, em cada época e, de acordo com as exigências de cada tempo, sempre encontramos o testemunho de fidelidade no seguimento a Jesus. Os mais marcantes são o testemunho de vida dos santos e santas da Igreja. Mulheres e homens que se entregaram totalmente ao seguimento de Jesus, doando sua vida à causa do Reino. De certo modo cada Santo/a testemunha, aprofunda ou encarna em si, um traço da vida de Jesus: Francisco de Assis se faz o irmão de todos, irmão universal; Dulce dos pobres, o Cristo pobre; Charles de Foucauld testemunha Cristo na simplicidade, no abandono e no silêncio... O testemunho dos santos dessa multidão de homens e mulheres, fiéis a Jesus continua a motivar a vida de novos cristãos porque sempre apontam para o seguimento a Jesus. Mas nos chama especial atenção os mártires dos nossos tempos, aqueles que no seu contexto histórico ousaram testemunhar o Evangelho, ousaram ser fiéis a Jesus até às últimas consequências, arriscando a própria vida pelo Reino de Deus.

Entre esses, em nossa América Latina, podemos destacar: Dom Oscar Romero, que foi assassinado em El Salvador em 1980 por sua defesa dos pobres e sua denúncia das injustiças e violências da ditadura militar; Padre Rutilio Grande (El Salvador, 1977), jesuíta morto por defender os direitos dos camponeses e denunciar a repressão do governo; Irmã Dorothy Stang (Brasil, 2005), missionária americana naturalizada brasileira, assassinada no Pará, por sua luta ao lado dos pequenos agricultores e contra os latifundiários e madeireiros que promoviam o desmatamento ilegal na Amazônia; Dom Enrique Angelleli (Argentina, 1976) morto em uma emboscada forjada pela ditadura militar argentina devido ao seu trabalho com os camponeses pobres e seu posicionamento contra a exploração e violência; Padre João Bosco Penido Burnier (Brasil, 1976) morto no Mato Grosso, Brasil, ao tentar defender duas mulheres indígenas que estavam sendo torturadas pela polícia. Ele fazia parte do movimento de defesa dos direitos dos indígenas e trabalhadores rurais no Brasil. E, Dom Hélder Câmara (Brasil) enfrentou vários embates com o regime militar. Embora ele não tenha sido assassinado, foi uma figura de destaque na defesa dos direitos humanos durante a ditadura militar no Brasil. Ele é considerado um “mártir não sangrento”, já que foi alvo de ameaças e perseguições

por sua luta pela justiça social e pelos direitos dos pobres.

Esses mártires latino-americanos, tanto religiosos quanto leigos, enfrentaram regimes autoritários, repressão militar e interesses econômicos poderosos em nome da justiça social, dos direitos humanos e da fé cristã. Suas mortes são lembradas como testemunhos de coragem e compromisso com os mais vulneráveis. A causa que os une é a opção preferencial pelos pobres e a resistência ao poder opressor, muitas vezes em nome da fé cristã e do amor ao próximo.

O Brasil, ao longo de sua história, também viu o martírio de leigos e leigas cristãos que defenderam sua fé e a justiça social em várias circunstâncias. Aqui estão alguns desses testemunhos: Chico Mendes (1988), era líder seringueiro e ambientalista. Chico Mendes lutou pela preservação da floresta amazônica e pelos direitos dos trabalhadores seringueiros, muitos dos quais viviam em condições de exploração. Ele foi assassinado por fazendeiros que viam suas atividades como uma ameaça aos seus interesses econômicos. A sua atuação foi guiada por uma visão cristã de justiça e proteção da criação divina; Santo Dias (1979) líder sindical, da pastoral operária e das comunidades eclesiais de base, morto pela repressão militar; Margarida Alves (1983) também líder sindical, atuava na luta pela terra pela qual foi assas-

sinada; Marçal (1983) enfermeiro indígena, mártir em defesa da vida e da terra de seus irmãos indígenas; Joilson de Jesus (1983), menino em situação de rua, brutalmente assassinado por um procurador de justiça; Eloy Ferreira (1984), líder sindical, pai de 10 filhos, pessoa de fé profunda, morto por grileiros de terra; Gaudino Jesus dos Santos (1997), líder indígena queimado vivo, em Brasília, por jovens de classe média. Vale a pena dar uma paradinha e buscar lembrar outros tantos cristãos leigos e leigas que você conhece ou ouviu relato sobre eles ou elas que deram e dão a vida por aquilo que acreditam.

Seguir testemunhando Jesus

Pois bem, o Conselho Nacional do Laicato do Brasil prepara-se para celebrar o seu cinquentenário. Estamos celebrando 50 anos de **Testemunho, Memória e Profecia** dos cristãos leigos e leigas do Brasil. Vivemos hoje novas realidades e novos desafios. Vivemos a aglomeração urbana nos grandes centros, as redes digitais e o uso da Inteligência Artificial são, ao mesmo tempo, oportunidade e desafio à Igreja e à fé cristã. Nós, cristãos leigos e leigas somos desafiados a testemunhar que crer em Jesus Ressuscitado é empenhar a nossa vida na causa do Reino, na defesa da justiça e na garantia da vida digna para todos a começar dos mais pobres e injustiçados. Neste senti-

do, o testemunho cristão implica não perder a memória daqueles/as que nos precederam e permanecem como sementes de testemunho, nos animando a perseverar nas mesmas causas pelas quais viveram, arriscaram suas vidas e foram fiéis até o fim. Assim, se a Memória traz à tona o Testemunho, serve ainda para acordar a Profecia no nosso meio e na realidade concreta de nossos dias. Que na fidelidade ao nosso batismo, sigamos Jesus mais de perto acordando a Profecia no seio da Igreja e da sociedade.

Acordar a profecia é ser uma Igreja sinodal, em saída missionária para as periferias geográficas e existenciais. Leigos e leigas que empenham suas vidas no testemunho cristão, seguindo Jesus sem reservas, anunciando a proximidade do Reino a partir dos últimos, dos descartados da história. Certos de que dar a vida por aquilo que acreditamos é oferecer o melhor de nós a serviço da paz, da justiça e da fraternidade e do cuidado com nossa Casa Comum. É nos colocar por inteiro naquilo que fazemos, tudo direcionando na perspectiva do Reino de Deus. Testemunhar a fé é nos arriscar a viver hoje como Jesus viveu, é recriar em nós o seu jeito de ser e de agir de Jesus, é assumir como nossas as causas do Reino, é fazer nossas as opções de Jesus. Sigamos caminhando juntos, sinodalmente, como testemunhas de Jesus. Sejamos capazes de doar a nos-

sa vida por aquilo que acreditamos, no **Testemunho** fiel a Jesus Ressuscitado, refazendo a **Memória** da caminhada e acordando a **Profecia** em meio às nossas comunidades.

Doutor em Teologia pela FAJE. Integra a equipe do MOBON (Movimento da Boa Nova), filiado ao CNLB, trabalha com formação de lideranças leigas e animação bíblica. Apoio CAPES.

Para refletir:

1. Entre aqueles/as que hoje testemunham a fidelidade no seguimento a Jesus, quem é referência para você?
2. O que podemos fazer para fortalecer o testemunho cristão e acordar a profecia em nossas comunidades, grupos, movimentos e, principalmente, no CNLB?

Para aprofundar:

BARROS, Marcelo. Dom Helder Câmara: *Profeta para nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2011;

BEOZZO, José Oscar. *Pacto das catacumbas*: São Paulo: Paulinas, 2015.

PAGOLA, José Antônio. *Voltar a Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAGOLA, José Antônio. *A renovação do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2022.

MARTYRIA, CAMINHO DE SANTIDADE

Liz Marques

Nas Causas da Vida, as Causas do Reino, está a premissa e o compromisso de muitas mulheres e muitos homens que têm doado as suas vidas, como grão de trigo que morre para germinar a Vida, são Testemunhas Pasciais. Vidas pela Vida, vidas pelo Reino.

No nosso caminhar de fé temos afirmado que Jesus de Nazaré é para nós o Mártir Supremo, a **Testemunha Fiel**, como o proclama o livro do Apocalipse. Ele assumiu as causas e os conflitos do Reino até a morte de cruz. Seu legado é de defesa dos direitos dos mais marginalizados, dos colocados à margem por um sistema político – econômico–eclesial. Um sistema excludente, portanto, ganancioso, onde o lucro está acima da Vida. Jesus denuncia e condena

este sistema, por isso é perseguido, condenado e morto. Mas ressuscitado, “encantado” como diz os povos indígenas confirmou definitivamente a vitória das vidas dadas por Amor e pela prática da Justiça.

Em grego, o termo testemunho se traduz por *martyria*. Desde os primeiros séculos da Igreja, chamaram-se mártires as pessoas que deram testemunho do Evangelho, do Reino de Deus ou da pessoa de Jesus. No linear da História no Brasil e na América Latina milhares de “encantados e encantadas” foram ameaçados, torturados e mortos. Sonhar e lutar por um mundo do Bem Viver onde todos, todas tenham vida, onde os direitos sejam respeitados, onde a justiça seja o caminho para a paz, onde a terra seja para todos, todas e não para o latifúndio, para as mi-

neradoras, para o agronegócio, é colocar-se no caminho contrário do capital e, portanto, de insegurança da sua própria vida.

No Brasil, a década de 1980 a 1990, foi o período de mais assassinatos dos defensores da Casa Comum, dos povos originários, dos comprometidos com a Reforma Agrária, com a demarcação da terra. A acumulação da terra, a grilagem tem sido um dos maiores motivos da perseguição e morte. Terra e água desde sempre são utilizados para o mercantilismo, terra cercada pelos arames, água privatizada. A Palavra de Pedro Casaldáliga é sempre uma atual denúncia: “Malditas sejam todas as cercas! Malditas todas as propriedades privadas que nos privam de viver e de amar! Malditas sejam todas as leis, amanhadas por umas

CRESO RAMIREZ / 06



poucas mãos, para ampararem cercas e bois e fazerem da terra escrava e escravos os homens”!

São tantas Testemunhas que assumiram a Martyria como caminho de santidade, que alvejaram suas vidas, suas histórias, suas roupas no sangue do cordeiro, são uma multidão. Trazemos carinhosamente na memória nome por nome, cientes que suas causas foram maiores que as suas vidas. Como esquecê-los? Como não assumir suas lutas? Nos dizia Pedro Casaldáliga: “Um Povo ou uma Igreja que esquece seus mártires não merece sobreviver”. Temos um legado, somos herdeiros da Fiel Testemunha e de tantos que abraçaram a mesma causa.

Na ciranda Pascal trazemos alguns nomes e as Causas que deram sentidos às suas vidas e que também foram e são causas do CNLB ao longo de sua jornada de 50 anos. Muitos cristãos leigos e leigas assumiram a defesa incondicional da vida humana e da Terra, na cidade e no campo para que todos e todas tenham vida digna.

Santo Dias – Líder Sindical – Mártir dos Operários – 30/10/1979 – São Paulo. Cristão leigo, Santo militou nos anos 60, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Na década seguinte, ajudou a fundar a Pastoral Operária da Arquidiocese de São Paulo e, em plena ditadura, participou do

Movimento do Custo de Vida, exigindo preços mais baixos e salários mais altos para os pobres. Em 1978, chegou a disputar, pela oposição, a direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, mas não venceu. Em outubro de 1979, pouco depois da edição da Lei da Anistia, Santo era um dos líderes de uma greve que reunia cerca de seis mil metalúrgicos em São Paulo. Em uma panfletagem em frente à fábrica Sylvania, a polícia tentou prender alguns de seus colegas. Num momento de tensão, o PM Herculano Leonel o baleou pelas costas. Santo tinha então 37 anos. Deixou dois filhos e esposa. A morte do operário ajudou a ferver o clima pelo fim da ditadura. Dezenas de milhares de trabalhadores – alguns veículos citam 15 mil, outros 30 mil – compareceram ao velório de Santo Dias na Catedral da Sé, em 31 de outubro daquele mesmo ano. “Quase nada está certo nesta cidade, enquanto houver duas medidas: uma para o patrão, outra para o operário”, discursou Dom Paulo Evaristo Arns, presidindo a missa de corpo presente.

Chico Mendes – Líder Ecologista – 22/12/1988 – Acre. Foi um ambientalista, sindicalista, ativista político e seringueiro. Militante da reforma agrária e da conservação do meio ambiente, além de fundador de reservas extrativistas não predatórias. “Chico

Mendes foi assassinado por donos de terras opositores à sua luta. Em 1996, foi criado o Memorial Chico Mendes para preservar e divulgar a história de Chico Mendes, além de apoiar comunidades agroextrativistas. O Memorial Chico Mendes (MCM) é uma associação sem fins lucrativos, com sede em Manaus, fundada pelo Conselho Nacional dos Seringueiros. O MCM tem como princípios: o apoio ao fortalecimento e à organização dos povos da floresta; a execução de projetos locais; e a influência sobre as políticas públicas regionais e nacionais”.

Margarida Maria Alves – Mártir da luta pela Terra – 12/08/1983 – Paraíba. Era uma mulher forte, de fibra, muito corajosa e uma grande lutadora. Ela enfrentou uma luta ferrenha contra os latifundiários, os perseguidores dos trabalhadores, porque não era fácil naquela época.

Entre as lutas travadas pela sindicalista estão a busca pela contratação com carteira assinada, o pagamento do décimo terceiro salário, o direito das trabalhadoras e dos trabalhadores de cultivar suas terras, a educação para seus filhos e filhas e o fim do trabalho infantil no corte de cana. A atividade era marcante na região, em especial pela existência da Usina Tanques — a maior do estado da Paraíba naquela época — contra



a qual Margarida movia mais de cem ações trabalhistas.

A Marcha das Margaridas, que acontece em agosto, em Brasília (DF), é a maior ação conjunta de mulheres trabalhadoras da América Latina. A mobilização foi realizada pela primeira vez no ano 2000 e leva o nome de um símbolo da luta pela igualdade de direitos para as mulheres do campo: Margarida Maria Alves.

Berta Cáceres Flores – Líder indígena, ambientalista e feminista – 03/03/2016 – Honduras. Não poupou esforços na

luta contra a construção de uma represa hidrelétrica no rio Gualcarque, no oeste de Honduras, considerado sagrado para os povos originários da região. Seus alertas sobre os impactos socioambientais do projeto e sua batalha em defesa do povo Lenca, a maior comunidade indígena de Honduras, renderam a ela o Prêmio Ambiental Goldman, conhecido como o “Nobel Ambiental”, no ano de 2015. Em 1993, como ativista estudantil, Cáceres, cofundou o Conselho de Populares e Organizações Indígenas de Honduras (COPINH), uma organização de apoio a indígenas

de Honduras. Liderou campanhas em uma ampla variedade de questões, incluindo o protesto contra a extração ilegal de madeira, contra a plantação com recurso a escravos, e contra a presença de bases militares em território Lenca. Ela apoiou o feminismo, os direitos LGBT, bem como inúmeras questões indígenas.

Marielle Francisco da Silva – cristã leiga, socióloga, ativista e política brasileira – 14/03/2018 – Rio de Janeiro. Mulher negra, LGBT e mãe de uma adolescente, Marielle Franco era uma ativista

Um Povo ou
uma Igreja
que esquece
seus mártires
não merece
sobreviver

feminista e defendia os direitos humanos. Em seu período como vereadora, presidiu a Comissão da Mulher da Câmara de Vereadores e, pouco antes de morrer, tinha sido escolhida para fazer parte da comissão criada para fiscalizar a intervenção federal no Rio de Janeiro. A vereadora denunciou casos de abuso e violência policial contra moradores de favelas do Rio de Janeiro. Após o assassinato brutal, Marielle Franco tornou-se um símbolo internacional da luta pelos direitos humanos.

Verino Sossai - líder rural no norte do Espírito Santo, assassinado em 1989. Trabalhador rural, Verino Sossai foi assassinado na porta de sua casa em 13 de julho de 1989, “um companheiro que sempre lutou em defesa da vida, principalmente dos mais indefesos. VERINO, sempre foi animador de comunidades, preocupado com o anúncio do Evangelho, não medindo esforços para atender todas as pessoas que o procuravam afim de saber dos seus direitos” (Pastoral da Terra/ES, 1989). Era membro da Comissão Ampla da CPT/ES e esteve presente na criação do CNL Regional Leste II, em Juiz de Fora, 1987/88. “Conhecia as comunidades no seu sofrimento. Sabia da história dos camponeses do município, principalmente na região de Vinhático, onde no

final da década de 50 e início da década de 60, ocorreram muitos conflitos de terra e foram massacrados muitos companheiros pela polícia e jagunços dos fazendeiros. Aos poucos as terras que eram de posseiros, foram tomadas por latifundiários. VERINO cresceu no meio desta situação. É por isso que ele sempre se deu ao trabalho de defender os camponeses e a luta pela reforma agrária. Toda essa luta teve início de forma bem concreta quando foi eleito pelos trabalhadores como Presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Montanha, assumiu também a vida política em defesa do povo simples, como vereador neste município” (CPT/ES, 19 de julho de 1989).

A memória deles e delas alimentam o nosso caminhar no compromisso com as Causas da Humanidade. Oxalá chegue um dia que não tenhamos mais nenhuma morte, nenhum choro, nenhuma dor e que nossas Testemunhas continuem bem presente e vivas trilhando neste chão na ciranda da Vida, na Ciranda do Amor, na Terra sem males.

Compartilho a Carta de Princípios da Irmandade dos Mártires da Caminhada para que possamos assumir juntos e juntas, e assim, renovar também o compromisso do CNLB com as causas da VIDA, as causas do REINO:



- 1 Defender a vida no compromisso com a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos e a natureza, a democracia e outros valores universais, tendo como missão anúncio e denúncia: anúncio da Boa Nova da Esperança Pascal e denúncia da injustiça e da cultura de morte, buscando sempre a justiça e a verdade, vivenciando o Amor Fraternal e Sorório, o cuidado com a Casa Comum, uma ecologia integral, humana, harmoniosa, partilhando os sonhos de um outro mundo, de fato e de direito, humano e cuidador – a Terra sem Males, a Casa do Bem Viver e do Bem Conviver.
- 2 Manter viva a memória de tantos e tantas mártires da América Latina e de todo o mundo, sacrificados particularmente ao longo de tantas ditaduras militares e de políticas de exclusão e de marginalização social, atualizando suas causas em nossas lutas diárias, sempre na defesa da vida, da justiça e dos direitos do povo.
- 3 Vivenciar a mística pascal do martírio na caminhada de libertação, aprofundando a teologia, a espiritualidade e a liturgia martirial, assumindo as causas proféticas pelas quais tantas irmãs e irmãos deram, com sua morte, a Prova Maior.
- 4 Denunciar todas as formas de cultura de morte: feminicídio, xenofobia, homofobia, racismo, intolerância religiosa, fundamentalismo e todos os tipos de preconceitos.
- 5 Solidarizar-se com as famílias das nossas e dos nossos mártires e com as vítimas de todos os tipos de martírio.
- 6 Cultivar a memória das e dos mártires e estimular as celebrações martiriais, especialmente as datas universais, como 24 de março (martírio de Dom Oscar Romero; 8 de agosto (memória de Pedro Casaldáliga) e 12 de outubro (martírio de João Bosco Burnier).
- 7 Celebrar o Ofício dos Mártires da Caminhada visando viver de modo comprometido a memória de todas e todos que deram ou dão suas vidas pelas Causas da Vida, despertando em nós, constantemente, a mais radical identidade humana e cristã: “Vocês serão minhas testemunhas”.
- 8 Valorizar, participar e divulgar as atividades e romarias ao santuário dos Mártires da Caminhada, como espaço e lugar primogênito de tantas outras romarias.



“Haveremos de ver qualquer dia chegando a vitória, o povo nas ruas fazendo a história, crianças sorrindo em toda a nação”

(Zé Vicente)

Liz Mari da Silva Marques, Comunidade Moisés Libertador, Região Belém - Arquidiocese de São Paulo, Irmandade dos Mártires da Caminhada, JUPIC – Justiça, Paz, Integridade da Criação, Fórum das Pastorais Sociais.

Para refletir:

Vamos fazer memória das Testemunhas do Reino que nós conhecemos ao longo destes 50 anos do CNLB? (Cada um faz a narrativa e ao final proclama o nome e todos respondem: Presente na Caminhada!)

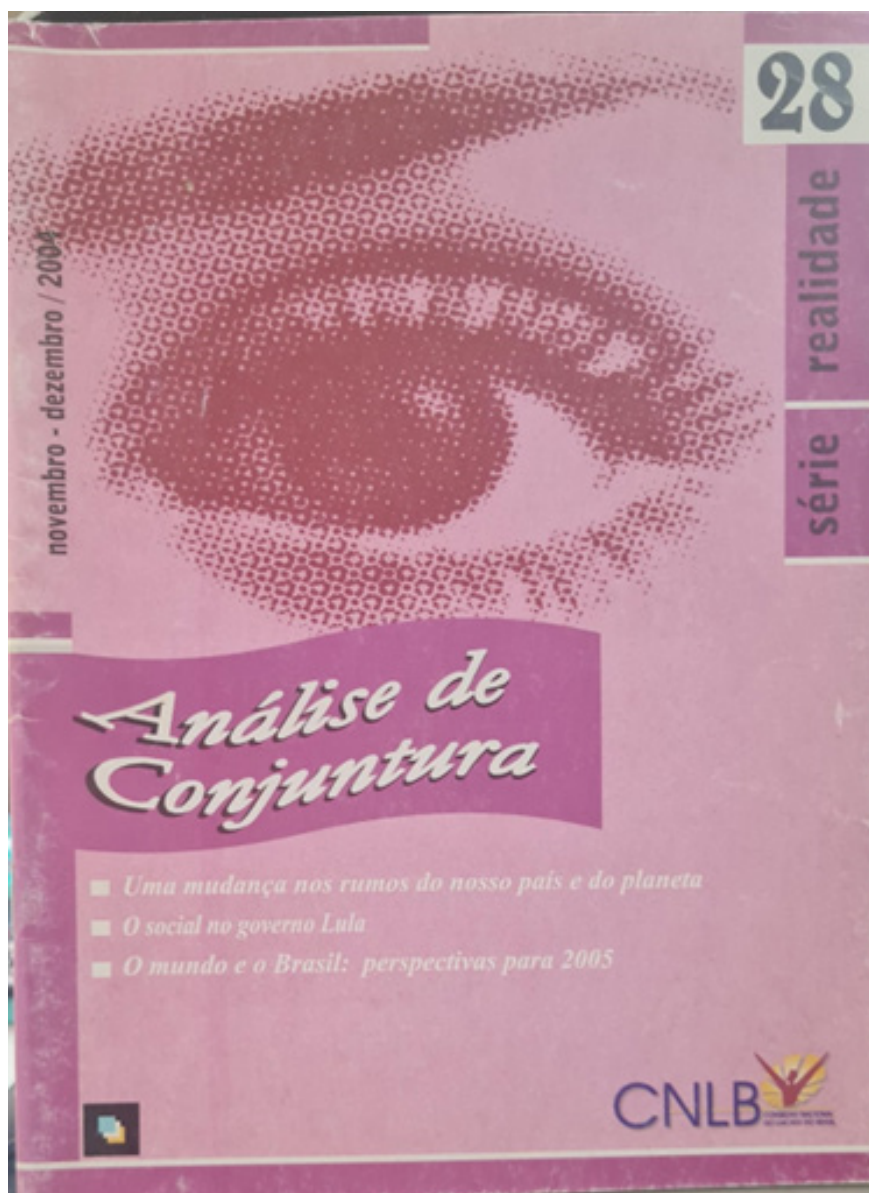
Para aprofundar:

1. Ofício dos Mártires da Caminhada Latino-Americana, Paulus, SP: 2004
2. Site: <https://irmandadedosmartires.com.br>

CNLB: 50 ANOS DE PERSEVERANÇA E TESTEMUNHO

Laudelino Augusto dos Santos Azevedo

“Recebereis a força do Espírito Santo que virá sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e na Samaria, até os confins da terra”. (At 1,8)



Na Revista anterior, recebi a incumbência de escrever “Como o CNLB-Organismo tem vivido, em sua caminhada, a profecia”. Nesta, a Comissão de Assessoria Permanente do CNLB solicitou que escrevesse sobre a vivência do “Testemunho” nos 50 anos de nossa história.

Vale lembrar que, nestes 3 anos preparatórios para o “Jubileu 50 Anos”, foram escolhidos 3 eixos: Profecia, Testemunho e Memória, para avaliar, aprofundar, fortalecer, celebrar e prosseguir na caminhada. Fundamentalmente, constituem-se num só eixo, pois “Profecia” é “Testemunho”; “Testemunho” é “Profecia”; ambos são “Memória” histórica e celebrativa na dimensão Pascal!

São João Paulo II afirmou que “o testemunho de vida é a primeira e insubstituível forma de missão” (RMi, n. 42), referindo-se

a todos os membros do povo de Deus. Os cristãos bispos do Brasil, no Documento 105: “Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo”, referindo-se aos “modos de ação transformadora” do cristão leigo, destacam “o testemunho, como presença que anuncia Jesus Cristo, em cada lugar e situação onde se encontra, a começar pela família” (105, n. 244 ‘a’).

Se o agir dos cristãos leigos e leigas, individualmente, em sua família, na comunidade e na sociedade é tão fundamental e urgente, quando realizado de forma associada ganha maior força e eficácia. São João Paulo II, na Exortação Apostólica “Christifideles Laici, sobre a “Vocação e Missão dos Fiéis Cristãos Leigos na Igreja e no Mundo”, constata e ensina: “A comunhão eclesial, já presente e operante na ação do indivíduo, encontra uma expressão específica no operar associado dos fiéis leigos, isto é, na ação solidária que eles desenvolvem ao participar responsabilmente da vida e da missão da Igreja”, pois, continua, “exprime, de fato, a natureza social da pessoa e obedece ao imperativo de uma mais vasta e incisiva eficácia operativa. Na verdade, a incidência ‘cultural’ fonte e estímulo e, simultaneamente, fruto e sinal de todas as demais transformações do ambiente e da sociedade, só se

pode alcançar com a ação, não tanto dos indivíduos, mas de um ‘sujeito social’, isto é, com a ação de um grupo, de uma comunidade, de uma associação, de um movimento” (cf. CfL, n. 29). No nosso caso, o CNLB: “associação pública de fiéis”, que se constitui como Organismo do Povo de Deus, compondo com os demais Organismos o Corpo Eclesial.

Neste número da Revista UM OLHAR, encontramos artigos que citam exemplos de cristãos leigos e leigas que deram forte testemunho com sua vida de fé e compromisso, na Igreja e no mundo. Nunca faltaram exemplos de cristãos leigos e leigas, em toda a história da Igreja, muitos, inclusive, doando a própria vida pelo Reino de Deus.

Se o agir dos cristãos leigos e leigas, individualmente, em sua família, na comunidade e na sociedade é tão fundamental e urgente, quando realizado de forma associada ganha maior força e eficácia.

No âmbito eclesial e no mundo

Este artigo visa partilhar momentos históricos em que transparece o testemunho dos cristãos leigos e leigas como “sujeito social”, congregados no Organismo que os representa, o CNL/CNLB, nos 50 anos de sua história. Como a vivência e atuação do Laicato se dá como Igreja no próprio âmbito eclesial e no mundo, especialmente, pela sua “índole secular”, vamos apresentar testemunhos do CNL/CNLB no interno da Igreja e na sua presença e ação nas realidades do mundo. Neste sentido, vale lembrar que “o direito dos fiéis cristãos leigos em agregar-se é essencialmente relativo à vida de comunhão e à missão da própria Igreja”. (CfL, n. 29).

Assim, citamos alguns “Critérios de eclesialidade para as agregações laicais” apresentados por São João Paulo II, na “Christifideles Laici”: “- O testemunho de uma comunhão sólida e convicta, em relação filial com o Papa, centro perpétuo e visível da unidade da Igreja universal, e com o bispo, ‘princípio visível e fundamento da unidade’ da Igreja Particular, e na ‘estima recíproca entre todas as formas de apostolado na Igreja’”. (CfL, n. 30). Mesmo em meio a tensões e dificuldades, em vários momentos e circunstâncias, o CNL/CNLB sempre primou por manter o testemunho de unidade e comunhão



Série "Informativo do CNLB" - publicada nos anos de 1983 a 1988.

em todos os âmbitos eclesiais. Foi criado no âmbito eclesial, por iniciativa da CNBB. A abertura do processo para a criação do CNL foi aprovada pela XI Assembleia Geral Ordinária, em 1970. Foi se organizando aos poucos, através de assembleias preparatórias com representantes de Movimentos, Associações Laicais, Irmandades, Confrarias, de todas as formas de apostolado existente na época. Este "nascimento" e primeiros passos do então CNL, não obstante conflitos internos e dificuldades de compreensão da identidade do novo Organismo, foi dentro da maior unidade e comunhão. Hélio Amorim, primeiro coordenador do CNL, nos lembra as palavras do Presidente da CNBB, convidado para a assembleia de fundação do CNL: "Naquela tarde, Dom Aloí-

sio Lorscheider manifestou sua grande alegria por estar testemunhando o surgimento de uma articulação dos leigos adultos, capazes de andar com as próprias pernas e pensar com a própria cabeça, em comunhão, mas não dependente da hierarquia, capaz de dialogar e ser uma instância crítica na vida da Igreja, para o bem do povo de Deus". (Bilhete CNL, nº 39, pag. 2). Daremos mais exemplos de testemunho interno, no decorrer deste texto.

Quanto ao testemunho nas realidades do mundo, citamos outros "Critérios de Eclesialidade": "- O empenho de uma presença na sociedade humana que, à luz da Doutrina Social da Igreja, se coloque a serviço da dignidade integral do homem. Assim, as agregações dos fiéis leigos devem converter-

-se em correntes vivas de participação e de solidariedade para construir condições mais justas e fraternas no seio da sociedade". (CfL, n. 30). Vejam bem, "devem converter-se em correntes vivas de participação e de solidariedade..." O CNL/CNLB cuidou sempre, em toda a sua história, de ser "corrente viva de participação e solidariedade", buscando formação adequada, especialmente sobre a Doutrina Social da Igreja, mística para o engajamento, participação nas atividades sociais, políticas, culturais, bem como parcerias em ações concretas de transformação da sociedade.

Também, os bispos do Brasil testificam: "O testemunho da unidade em meio à diversidade é sinal eloquente da saúde comunitária, ágil em sua resposta às necessidades, ao mesmo tempo em que é comprometida e perseverante". (CNBB 105, n. 89). O Papa Francisco incentiva: "Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais: 'Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros' (Jo 13, 35)". (EG, n. 99).

Ainda como fundamentação para o nosso testemunho enquanto Organismo de representação do Laicato, podemos citar todo o capítulo III da *Christifideles Laici*: “A corresponsabilidade dos fiéis cristãos leigos na Igreja-missão”. São João Paulo II nos ilumina com a citação do Evangelho dos Trabalhadores da Vinha: “Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi e vos designei, para irdes e produzirdes frutos, e para que o vosso fruto permaneça (Jo.15-16)”. Mais à frente, o Papa nos exorta: “Ora, no contexto da missão da Igreja o Senhor confia aos fiéis cristãos leigos, em comunhão com todos os outros membros do povo de Deus, uma grande parte de responsabilidade”. (CfL, n. 32).

Prosseguindo sua exortação, São João Paulo II afirma: “Ora, os fiéis cristãos leigos, por força de sua participação no múnus profético de Cristo, estão plenamente envolvidos nessa tarefa da Igreja. Pertencelhes, em particular, dar testemunho de como a fé cristã, mais ou menos conscientemente ouvida e invocada por todos, seja a única resposta plenamente válida para os problemas e as esperanças que a vida põe a cada pessoa e a cada sociedade. Será isso possível se os fiéis cristãos leigos souberem ultrapassar em si mesmos a ruptura entre o Evangelho e a vida, refazendo na sua quotidiana atividade em fa-

mília, no trabalho e na sociedade, a unidade de uma vida que no Evangelho encontra inspiração e força para se realizar em plenitude”. O Papa aprofunda ainda mais: “A síntese vital que os fiéis cristãos leigos souberem fazer entre o Evangelho e os deveres cotidianos da vida será o testemunho mais maravilhoso e convincente de que não é o medo, mas a procura e a adesão a Cristo que são o fator determinante para que o homem viva e cresça, e para que se alcancem novas formas de viver mais conformes com a dignidade humana”. (CfL, n. 34).

Este ensinamento do Magistério Papal confirma o que os cristãos leigos e leigas já experimentavam na época do Concílio Ecumênico Vaticano II, na vivência do testemunho na Igreja e na sociedade.

Início com perseguições do “mundo” e apoio Eclesial

O Pe. José Ernanne Pinheiro, assessor da Comissão para o Laicato por muitos anos e grande incentivador, em um texto “Evolução do Apostolado Leigo no Brasil a partir do Concílio Vaticano II”, constata: “O golpe militar de 1964 e o regime autoritário instaurado no país, em pleno Concílio Ecumênico, têm um significado especial para os leigos. A Igreja via-se abalada pelo desbaratamento dos grupos de leigos mais comprometidos com a

causa popular, que tinha engajado grande parte da Igreja. Reformas de base, os anseios por uma reforma agrária, reforma universitária, etc, contavam com a voz dos cristãos. Daí porque prisões, torturas, exílios atingem, de cheio, os melhores quadros de seu rebanho”.

Foi neste contexto que, em 1970, na XI Assembleia Geral da CNBB, como dissemos acima, foi aprovada a criação de um Organismo de representação do laicato no Brasil, o que veio a se efetivar em 1975.

Um testemunho do recém-criado CNL, foi dado por Hélio Amorim, do Movimento Familiar Cristão e primeiro coordenador do Conselho: “Em 1976, começaram os pronunciamentos e saiu o primeiro boletim do CNL. Aconteceram as reações e rupturas esperadas, algumas públicas, com matérias pagas em jornais. O CNL foi denunciado por ‘suas tendências marxistas, inspiradas pela CNBB’, e chegou a convocação da Polícia Federal para prestar depoimento, em Brasília. Por falta de endereço, a convocação foi parar na CNBB e o Padre Raimundo, assessor para os leigos, foi lá para se explicar. Na PF lhe mostraram o primeiro Boletim do CNL e lhe disseram que o consideravam provocativo. Tinham recebido denúncias e queriam advertir os responsáveis para terem juízo”. (Bilhete CNL, nº 39, pág. 2).



“Bilhete”, série publicada pelo CNLB - 1987 a 1996.

O CNL dava os primeiros passos, procurava se estabelecer como Organismo representativo da maioria dos membros do povo de Deus, enfrentando dificuldades internas, com alguns Movimentos e Entidades que o compunham, e com setores da hierarquia, pois era algo novo na Igreja e estávamos em plena crise de democracia no país, em tempos da ditadura cívico-militar. A perseverança se deu, especialmente, pela participação de cristãos leigos e leigas oriundos da Ação Católica, com sólida formação doutrinária, bíblica e teológica e pelo apoio e incentivo da Presidência da CNBB e da maioria dos bispos.

Dom Luciano Mendes de Almeida, então Secretário Geral da CNBB, assessorou a Assembleia Geral do CNL em outubro de 1984, falando sobre o tema: “História da Igreja nos últimos 20 anos”, ou

seja, do Concílio Ecumênico Vaticano II em diante. No Informativo CNL, número 6, de dezembro de 1984, encontramos o seguinte relato da fala de Dom Luciano: “tem havido avanços na Igreja no Brasil . . . Por isso, é preciso recuperar os testemunhos, a memória da Igreja, dos leigos que progressivamente se organizam no laicato . . . Vivemos agora um novo tempo, em que surge também, com força, as Comissões, os Conselhos Regionais”. Dom Luciano fala sobre o enfrentamento ao regime militar: “A Igreja, através principalmente do Episcopado, torna-se a voz dos que não têm voz. Os bispos não silenciam, vão às prisões, valorizam as nascentes Comissões de Justiça e Paz, que se tornam em muitos lugares a única instância de luta contra o arbítrio. . . Após 1968, além de lutar contra a tortura e os abusos, a Igreja levanta a bandeira dos direitos humanos e

por um Estado de Direito, que respeite os caminhos da nação. Destaca-se entre os documentos desta fase, “Exigências Cristãs de uma Ordem Política” (Doc 10, CNBB – Fev/1977), que projeta uma nova visão de sociedade”.

Sobre o laicato, Dom Luciano fala que “na primeira fase, trabalhavam em movimentos e na época da repressão, foram os desiludidos e os grandes sofredores”. Prossegue, constatando o “crescimento da conscientização e organização populares, surgindo os movimentos contra a carestia, por melhorias no campo e pelas eleições diretas”, afirmando que “os leigos são os protagonistas”. Conclui a sua fala: “É importante não esquecer, neste quadro geral de 20 anos de história da Igreja, a importância dos pronunciamentos de Roma, Medellin e Puebla. A Igreja chama a atenção para o fato de que devemos pensar em ser Igreja, caminhar como Igreja – Povo de Deus, sociedade em que cada um tem sua missão”.

**Documentos da CNBB:
reforço para o testemunho**

Vemos que, nos primeiros anos, o CNL buscava se fortalecer como Organismo Eclesial, mas já tinha incidência na sociedade. Inspirava-se e tinha o incentivo da CNBB com seus documentos, declarações e posicionamento pro-

fético. Além do Documento 10, já citado, “Exigências Cristãs de uma Ordem Política”, em 1977, o Documento 22: “Reflexão Cristã sobre a Conjuntura Política”, em 1981, com “apelo à nação pelo processo de redemocratização do Brasil”; Documento 36: “Por uma Nova Ordem Constitucional: Declaração Pastoral”, em 1986, sobre o processo constituinte; Documento 42: “Exigências Éticas da Ordem Democrática”, em 1989, já com a Nova Constituição promulgada e, merece destaque, o Documento 50: “Ética: Pessoa e Sociedade”, em maio de 1993, dentre outros.

Naquele ano de 1984, o CNL deu um grande testemunho na sociedade, participando ativamente do movimento nacional pelas eleições diretas, denominado “Diretas Já”. Foram artigos, participação nas mobilizações em várias regiões do país, através das Entidades filiadas, análises de conjuntura, inclusive com a publicação corajosa de uma nota: “O Conselho Nacional de Leigos e o Processo Político Atual”.

Em 1985, o testemunho mais forte foi no âmbito interno da Igreja, com a participação de representantes do CNL na 23ª Assembleia Geral da CNBB em que foi tratado o tema “Leigos”, em preparação ao Sínodo Mundial dos Bispos, programado para 1986 e que seria sobre a “Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo”. Os in-

tegrantes do CNL demonstraram maturidade e compromisso, apresentando aos bispos do Brasil um texto claro e bem concreto abrangendo a identidade laical na Igreja e no mundo. (Ver texto completo publicado na Revista UM OLHAR nº 17, como anexo).

Destacamos dois pontos da mensagem apresentada: “O compromisso dos cristãos no mundo” e a “espiritualidade”. Diz o texto: “A crescente integração entre fé e vida, fé e atuação transformadora, fé e compromisso político, torna hoje explícito o sentido último e decisivo de nossa ação no mundo: trata-se da antecipação do Reino, que não se esgota nas limitadas conquistas históricas, mas passa necessariamente por elas. (...). Hoje, a vivência da fé cristã exige o compromisso de ação no mundo, o testemunho, o profetismo, e até a aceitação do martírio por fidelidade à missão. A compreensão cada vez mais difundida desta relação entre fé e compromisso na história é um dos fatos mais notáveis nesta Igreja de tantos mártires, em nosso país e no conjunto da América Latina”. “Nas nossas práticas concretas vamos construindo nossa identidade como aquela porção do Povo de Deus que mais profundamente penetra a massa a ser fermentada pela presença da Igreja e o anúncio de sua mensagem, na convivência cotidiana com todos os homens e

mulheres. (...). Nossa espiritualidade é hoje encarnada na história, na efetiva vivência do compromisso transformador do mundo como opção de fé. (...). Nossa forma de seguir Jesus, ou espiritualidade, tem como marca a luta pela vida e vida em abundância. Precisamos ainda aprofundar essa espiritualidade para que nossa ação seja sempre impregnada pela fé que lhe dá seu sentido último e decisivo”.

Incidência política no processo constituinte

Nos anos 1985 a 1988, destacamos o forte testemunho público do CNL participando intensamente nos “Comitês Pró-participação Popular na Constituinte” e nas coletas de assinaturas pelas “emendas populares” ao texto da nova Constituição Federal como, por exemplo, Conselhos de Políticas Públicas, Projetos de Lei de Iniciativa Popular, dentre outras. Incentivados pela CNBB, através da CNP – Comissão Nacional de Pastoral e em parceria com Entidades da Sociedade Civil, foi fundamental a participação dos cristãos leigos e leigas em todo o processo constituinte nacional, estaduais e nas Leis Orgânicas Municipais. Neste período, intensificou-se a formação “Fé e Política” e foram criadas Comissões e Escolas Arqui/Diocesanas de Fé Cristã e Compromisso Social.

Povo de Deus a caminho: testemunho de sinodalidade

Desde a sua criação, o CNL passou a participar das reuniões do Conselho Episcopal de Pastoral – CEP (hoje CONSEP), do Conselho Permanente e das Assembleias da CNBB, bem como com representantes na CNP – Comissão Nacional de Pastoral.

Nos finais dos anos 80 e início dos anos 90, mais um forte testemunho no âmbito eclesial e não somente do CNL/CNLB, mas de todos os assim chamados Organismos do Povo de Deus: CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil), CNP (Comissão Nacional de Presbíteros), CND (Comissão Nacional de Diáconos), CNISB (Conferência Nacional dos Institutos Seculares do Brasil) e CNLB (Conselho Nacional do Laicato do Brasil). As Assembleias Nacionais dos Organismos do Povo de Deus - ANOPDs, sonhadas e preparadas desde o Concílio Ecumênico Vaticano II, com suas raízes na eclesiologia da *Lumen Gentium*: Igreja, povo santo de Deus, peregrino e evangelizador. Não se utilizava a palavra “sinodalidade”, mas com as luzes bíblicas, teológicas e pastorais de hoje, podemos afirmar que estávamos, já, vivenciando a “Igreja Sinodal”: grande testemunho de ação conjunta e orgânica

de todo o povo de Deus, através de representantes de seus membros organizados, sob a orientação e discernimento dos pastores. Já foram realizadas 10 ANOPDs e o CNL/CNLB sempre empenhado na preparação e realização das mesmas, com número expressivo de participantes. Os Organismos do Povo de Deus no Brasil foram citados no Relatório Síntese da 1ª Sessão do Sínodo como referência no caminho sinodal da Igreja. (20, letra “e”).

Testemunho no processo eleitoral no País

Nos finais dos anos 1990, já como CNLB, outro testemunho brilhante na divulgação, mobilização e empenho na Campanha Contra a Corrupção Eleitoral, Projeto de Lei de Iniciativa Popular promovido pelo MCCE – Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral, em parceria com a CNBB, Associação Juízes para a Democracia-AJD, Ordem dos Advogados do Brasil-OAB, dentre outras. A proposta nasceu da Campanha da Fraternidade de 1996 – Fraternidade e Política, através da Comissão Brasileira de Justiça e Paz-CBJP. O resultado desta campanha foi a Lei Federal 9840/99, contra a corrupção eleitoral. O mesmo processo se repetiu de 2008 a 2010, também encabeçado pelo MCCE, com a divulgação, conscientização, mobili-

zação e coleta de assinaturas para um Projeto de Lei de iniciativa Popular, que resultou na Lei Complementar 135/2010, conhecida como Lei da Ficha Limpa.

Testemunho em acolher as orientações dos Pastores

Um grande testemunho de eclesialidade vivenciado pelo CNLB e que talvez tenha passado despercebido, aconteceu nos inícios dos anos 2000. Entendendo como já bem amadurecida a proposta do “Conselho” passar a ser “Conferência Nacional do Laicato do Brasil”, inclusive com apoio e incentivo de vários bispos que apresentaram textos com fundamentações teológicas e pastorais, o CNLB fez os encaminhamentos necessários para a necessária mudança estatutária. Neste meio tempo, veio uma ducha de água fria com um pronunciamento do Papa João Paulo II aos bispos do Regional Nordeste 1 (Ceará) e do Nordeste 4 (Piauí), em visita ‘Ad Limina’, no dia 26/10/2002: “Gostaria de chamar a atenção acerca do desejo manifestado em certos setores de transformar em Conferência o Conselho Nacional dos Leigos, como instância paralela à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Pretender criar um organismo autônomo, representativo dos leigos, sem referência à comu-

nhão hierárquica com os Bispos, constitui um defeito eclesiológico de graves implicações facilmente detectáveis. Confio, portanto, na vossa diligência em prevenir os fiéis contra tais iniciativas” (site do Vaticano). Certamente foram informações equivocadas que chegaram ao Papa, pois o CNLB não queria nada paralelo e agia em comunhão com a CNBB.

Houve reações diversas, inclusive com desânimo por parte de alguns, mas, em nome da unidade e comunhão, atendendo às preocupações do Papa, o CNLB acatou solícitamente e continuou a ser nomeado como Conselho Nacional do Laicato do Brasil. Dom Luciano Mendes de Almeida, hoje Servo de Deus, acompanhando um de nossos encontros na época, nos propôs aguardar um pouco mais, pois a questão não estava bem entendida e informações equivocadas haviam chegado ao Pontifício Conselho para os Leigos. Com sua

sabedoria, Dom Luciano nos conclamou: “A organização do Laicato é muito importante, mas o nome pode esperar um pouco mais. Citando Santa Teresa D’Ávila, disse: vocês devem dar ênfase à missão, pois o mundo está ‘pegando fogo’ e precisando do testemunho e da ação dos leigos e leigas”.

Testemunho no cuidado com os empobrecidos

Outro testemunho eclesial exercido na sociedade brasileira, o CNLB participou ativamente do “Mutirão Nacional de Superação da Miséria e da Fome”, lançado pela CNBB em 2002 e do “Mutirão pela Amazônia”, iniciado em 2003.

No recente período da Pandemia do Covid-19, triste e devastador, o CNLB atuou em todas as suas instâncias no Projeto “É tempo de Cuidar”, através do “Pacto pela Vida e pelo Brasil”. Iniciado no dia 07 de abril de 2020, numa parceria entre a CNBB, OAB, ABI,

SBPC, Comissão Arns e Academia Brasileira de Ciências, teve impulso e capilaridade com a ação do CNLB: “O Pacto pela Vida e pelo Brasil deixou de ser um Grupo de Trabalho e passou a ser um movimento orgânico, transformador, espontâneo, aglutinador de forças sociais e que promoveu a união em torno a questões fundamentais para o Brasil em tempos de pandemia e de crises institucionais” (Site CNBB-25/08/2021). Mais de 3 mil mobilizadores cadastrados em todo o país, com reuniões semanais e ‘lives’ sucessivas levando às ações concretas de distribuição de alimentos, remédios e equipamentos. Parceria com o programa “Cozinhas Solidárias”, coordenadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, que distribuiu toneladas de alimentos. “Com a participação do CNLB, criou-se uma grande cadeia e rede de solidariedade em torno do Pacto pela Vida e pelo Brasil” (Site da CNBB-25/08/2021).



Viver o Evangelho servindo a pessoa e a sociedade

Voltando à Exortação Apostólica “Christifideles Laici”, nos itens 36 ao 44, São João Paulo II insiste sobre “Viver o Evangelho Servindo a Pessoa e a Sociedade”, com os subtítulos: Promover a dignidade da pessoa; Venerar o inviolável direito à vida; Liberdade para invocar o nome do Senhor; A família, primeiro espaço para o empenho social; A caridade, alma e sustentáculo da solidariedade; Todos destinatários e protagonistas da política; Pôr a pessoa humana no centro da vida econômico-social; Evangelizar a cultura e as culturas do homem”.

Vejam a abrangência do testemunho a que somos chamados enquanto “sujeito social”, organismo que articula e representa os cristãos leigos e leigas no Brasil.

Com estes ensinamentos e incentivos, o CNLB vem dando testemunho através da participação direta nas Semanas Sociais Brasileiras, promovidas por todo o Corpo Eclesial, coordenadas pela CNBB. Já foram seis SSB's, cada qual com um tema específico da realidade do País, com análises e aprofundamentos, buscando al-

ternativas para a inclusão social e o desenvolvimento sustentável em todas as dimensões. O CNLB atua, também, na realização e encaminhamentos do “Grito dos Excluídos e Excluídas”, no dia 7 de setembro a cada ano. Nos últimos anos, o mesmo acontece com a realização da Jornada e do Dia Mundial do Pobre, proposto pelo Papa Francisco a cada ano.

Outro testemunho público, muito relevante, foi o empenho do CNLB na realização da “Romaria pela Democracia”, realizada em Aparecida/SP, no dia 23/10/2022, num momento tenso de ameaça ao Estado Democrático de Direito e com grande risco à Democracia em nosso País. O Laicato organizado, através de seus representantes, impulsionado pelo Evangelho e pela Doutrina Social da Igreja, consciente de sua missão no mundo, em vista do Reino de Deus, exerceu o profetismo e deu grande testemunho naquele momento crucial da história do Brasil.

Podemos citar ainda o testemunho do CNLB na realização e nos encaminhamentos das Campanhas da Fraternidade a cada ano, promovidas pela CNBB, mas preparadas e executadas na dinâ-

mica sinodal por todo o Corpo Eclesial.

Para fundamentar e fortalecer o testemunho cristão na Igreja e no mundo, o CNLB realiza um Projeto de Formação e mantém uma Rede de Multiplicadores/as. Faz parcerias com várias Entidades para Cursos de Doutrina Social da Igreja, Dimensão Social da Fé, Conselheiros de Políticas Públicas, Planejamento de Campanhas Eleitorais, dentre outros. Também, apoia e se engaja no “Pacto Global pela Educação”, “Economia de Francisco e Clara”, “Movimento Laudato Si’”, “Junho Verde”, “Defesa e Promoção do SUS” e outros. Mantém parceria e engajamento nos Cursos de Formação do “Centro Nacional de Fé e Política Dom Helder Câmara – CEFEP”, participa e contribui com o “Movimento Nacional de Fé e Política” e com a realização dos Encontros Nacionais e Regionais. Nos últimos anos, com renovado empenho, o CNLB, juntamente com CBJP, CEFEP e NESP, realizam o Projeto “Encantar a Política”, buscando o testemunho de uma Política autêntica, a “melhor Política” segundo o Papa Francisco no capítulo V da Encíclica “Fratelli Tutti”.

O CNLB vem dando testemunho através da participação direta nas Semanas Sociais Brasileiras, promovidas por todo o Corpo Eclesial, coordenadas pela CNBB.

Testemunho na caminhada sinodal

O CNLB mantém estreito relacionamento com a CNBB, através da Comissão Episcopal para o Laicato, e com o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, do Vaticano, participando de Seminários e Congressos realizados em Roma.

Nos tempos atuais, no processo de uma Igreja sinodal em missão, proposto pelo Papa Francisco em 2021, o CNLB acolhe e se compromete com todas as suas energias, participando intensamente de todas as ações, tanto no Brasil como na América Latina e no Caribe e no âmbito mundial. Desde o processo de “escuta” no âmbito diocesano, na comissão de animação nacional, na etapa continental no Cone Sul, na Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe, sempre com os membros da Presidência do Nacional, dos Regionais e Arqui/Diocesanos e representantes das Entidades filiadas ao Conselho. Tal tem sido a participação do Laicato organizado, que o Papa Francisco escolheu e nomeou duas cristãs leigas do Brasil para participarem das Sessões do Sínodo: Sônia Gomes de Oliveira, Presidente do CNLB e Maria Cristina dos Anjos Conceição, da Cáritas Brasileira. Como ensina São João Paulo II em sua Exortação, “A comunhão com o Papa e

com o Bispo é chamada a exprimir-se na disponibilidade leal em aceitar os seus ensinamentos doutrinais e orientações pastorais”. (CfL, n. 30).

Um processo histórico que continua

Podemos, então, afirmar, e não poderia ser diferente, que o CNL/CNLB, desde o início, tem consciência de sua missão na Igreja e no mundo e se compromete com o testemunho do Evangelho para a “revelação e expansão do Reino de Deus na história”.

Nossos bispos, no Documento 105: “Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo”, no item “O Cristão Leigo como Sujeito Eclesial”, concluem: “Mais que no passado, temos hoje as condições eclesiais, as condições sociais, políticas e culturais e as bases eclesiológicas para que o cristão leigo exerça sua missão como autêntico sujeito eclesial, apto a atuar na Igreja e na sociedade e a promover uma relação construtiva entre ambas”. (CNBB 105, n. 122). Logo à frente, falando sobre “A maturidade dos cristãos leigos”, afirmam: “Os cristãos leigos e leigas são ‘embaixadores de Cristo’. Têm cidadania própria no povo de Deus; são participantes do ‘pleno direito na missão da Igreja’. Têm um lugar insubstituível no anúncio e serviço

do Evangelho”. (CNBB 105, n.128).

Louvamos a Cristo, Cabeça da Igreja da qual somos membros, pelos cristãos leigos e leigas presentes e atuantes e, especialmente, pelo CNL/CNLB, pelos seus 50 anos de perseverança e testemunho profético!

Laudelino Augusto dos Santos Azevedo, cristão leigo, membro da Comissão de Assessoria Permanente (CAP/CNLB), presidente do CNLB no período de 2010-2013; membro da Comissão de Assessoria Permanente 2013-2016, 2016-2019, 2019-2022.
laudelinomcpc@yahoo.com.br

Para refletir:

Vamos conversar/recordar sobre como tem sido o Testemunho do CNLB em nossos regionais e Arqui/Diocesanos?

Para aprofundar:

1. CNBB, Documento 105 – Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade – Sal da Terra e Luz do Mundo. Brasília: Edições CNBB, 2016.
2. João Paulo II. Exortação Apostólica Christifideles Laici – Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo. São Paulo: Paulinas, 1990.

E ELAS/ELES O SEGUIRAM...

Marilza José Lopes Schuina*



As cristãs leigas e os cristãos leigos são chamados à santidade. O chamado à santidade é parte fundante da vida cristã. Esta vontade de encontrar-se com Ele é fruto da graça baptismal:

“os fiéis que, por haverem sido incorporados em Cristo pelo batismo e constituídos em povo de Deus, e por participarem a seu modo do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo, na parte que lhes compete, a missão de todo o povo cristão” (LG, 31a).

Estas cristãs leigas e cristãos leigos, são compreendidos e inseridos na missão de toda a Igreja, porém, com uma especificidade que lhes é própria e lhes permite atuar em questões internas e externas da Igreja, em todas as realidades em que se encontram. (...) “Aqueles que vivem entregues a trabalhos muitas vezes duros, busquem a perfeição própria nesses trabalhos humanos, ajudem os seus concidadãos, e fomentem o progresso da sociedade e do mundo; esforcem-se, além disso (...), por imitar a Cristo que praticou com as suas mãos o trabalho, e continua a trabalhar com o Pai na salvação de todos; sejam alegres na esperança, levem uns os fardos dos outros, sirvam-se enfim da sua fadiga cotidiana para subir a maior santidade, também apostólica” (LG. 41e).

É fundamental que toda a Igreja reflita sobre a dimensão pastoral, evangelizadora e missionária que as cristãs leigas e os cristãos leigos dão pelo seu testemunho e santidade na Igreja e no mundo e reconheça “a índole secular que caracteriza o seu ser e agir, como propõe o Concílio Vaticano II: ‘o caráter secular caracteriza os leigos [as leigas]. (...) A vocação própria dos leigos [das leigas],

é administrar e ordenar as coisas temporais, em busca do Reino de Deus. Vivem, pois, no mundo, isto é, em todas as profissões e trabalhos, nas condições comuns da vida familiar e social, que constituem a trama da existência. São aí chamados [chamadas] por Deus, como leigos [leigas], a viver segundo o Espírito do Evangelho, como fermento de santificação no meio do mundo, brilhando em sua própria vida pelo testemunho da fé, da esperança e do amor, de maneira a manifestar Cristo a todos os homens. Compete-lhes, pois, de modo especial, iluminar e organizar as coisas temporais a que estão vinculados, para que elas se orientem por Cristo e se desenvolvam em louvor do Criador e do Redentor' (LG, 31b)" (CNBB, 105, p.16).

Jesus, cristão leigo, foi atuante no mundo. Veio ao mundo e entranhou-se nesse mundo para nele viver, aprender e ensinar. As cristãs leigas e os cristãos leigos, são, como Jesus, discípulas e discípulos missionários, vivendo uma fé encarnada na realidade. Como nos diz o papa Francisco:

Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio

testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. És uma consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação. Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. És progenitor, avó ou avô? Sê santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus. Estás investido em autoridade? Sê santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais (GE, 14).

Seguindo e testemunhando Jesus

"A partir de Jesus Cristo, os cristãos leigos e leigas infundem sua inspiração de fé e de amor nos ambientes e realidades em que vivem e trabalham. Em meio à mistura como "sal, luz e fermento", sempre cheia de tensões e conflitos, buscam testemunhar sua identidade cristã, como 'ramos na videira', na comunidade de fé, oração e partilha" (CNBB, 105, nº 185).

Seguir Jesus não é somente caminhar atrás dele, mas caminhar com ele, trazendo para sua vida as mesmas coisas, as mesmas atitudes de Jesus. Assim, tornar-se-á um discípulo verdadeiro. "A pessoa amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, se aprofunda no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina" (DAp.

278c). Como canta pe. Zezinho, "amar como Jesus amou, sonhar como Jesus sonhou, pensar como Jesus pensou, viver como Jesus viveu, sentir o que Jesus sentia, sorrir como Jesus sorria..."

Jesus caminhou fazendo o bem, amou os seus até o fim, a ponto de dar a sua vida pela salvação da humanidade. "O discípulo, à medida que conhece e ama o seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e tornar realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados, em uma palavra, a construir o Reino de Deus" (DAp. 278e).

O encontro com Jesus Cristo propicia uma espiritualidade integral, através do qual se descobre e vive o mistério trinitário. Conduzidos pelo Espírito Santos, as cristãs leigas e os cristãos leigos são seguidoras e seguidores de Jesus Cristo e testemunhas de sua ressurreição.

Na caminhada do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, muitas cristãs leigas e cristãos leigos imitaram Cristo em sua vida dando um verdadeiro exemplo de santidade.

Os testemunhos que aqui apresentamos são uma ilustração desta busca e vivência da santidade por homens e mulheres na trajetória do Conselho Nacional do Laicato do Brasil desde a sua fundação. Uma escolha difícil, de uma jornada de 50 anos!



Hélio Amorim

21 DE MAIO DE 2016 † 03 DE DEZEMBRO DE 2012

Selma Amorim

“Foi um dos fundadores do CNL e seu primeiro presidente, juntamente com a esposa, Selma Amorim. Irmãos maiores nossos, que nos deixaram um grande legado e devemos ser muito agradecidos a tanta vida e sacrifício colocados nessa construção.

É uma ousadia querer passar isto ao papel, e em poucas linhas. Contamos com palavras do próprio Hélio, de colegas e amigos durante mais de sessenta anos, de companheiros de carisma do Movimento Familiar Cristão, do CNLB e outras testemunhas.

Ótimo estudante, chamado de “gênio”, solidário e motivador, engenheiro. Cristão comprometido, jovem atuante da Ação Católica. Ainda muito novo casou-se com Selma formando uma família bonita. Família numerosa, que além dos filhos biológicos, acolheu mais três de um casal amigo, falecido em acidente. No Condomínio Cachoeira da Barra construímos uma comunidade de famílias, vivendo a partilha como os primeiros cristãos... Ainda foram agregados mais filhos.

Temos no relato dados importantes da personalidade, so-

nhos, compromissos e realizações de Hélio. A Ação Católica foi uma boa escola para a criação do CNL. Viveu toda a efervescência do Concílio Vaticano II e seus desdobramentos em plena juventude e com o entusiasmo do compromisso com as propostas de renovação que os novos ares traziam para a Igreja, para a sociedade e para o mundo. Era época de chumbo no Brasil.

Com palavras do próprio Hélio trazemos uma brevíssima síntese da gestão, nascimento e posta em marcha do CNL. É a mensagem com a qual se fez presente no VI Encontro Nacional do CNLB de 2015:

...Tivemos o privilégio de participar das assembleias promovidas pela CNBB para gerar o Conselho, nos “anos de chumbo” de 1974/75.

Fomos eleitos e tocou-nos presidir o CNLB nos seus cinco primeiros anos até 1980. Nesse período inicial, o CNLB foi integrado por 34 movimentos de leigos. Mais adiante foram se agregando as CEBs.

Recordamos o padre Hilário Ma-

zzarolo, o animador dessa gestão, designado pela CNBB que a presidiam Dom Aloísio Lorscheider e Dom Ivo Lorscheiter.

Tivemos alguns problemas com o governo militar pela edição de uma modesta revista... e a CNBB foi convocada pela censura vigente para prestar esclarecimentos em Brasília.

São gratificantes as memórias dessas décadas e a consolidação do CNLB como representação qualificada do laicato brasileiro.

Assim, desejo pleno êxito aos leigos eleitos para liderarem o Conselho, seguramente iluminados e encorajados por Deus para essa missão.

Um relato mais completo dessa criação está recolhido no livro História do Conselho Nacional de Leigos[as] no Brasil, de José Batista da Costa Sobrinho, 2001. Há nele uma entrevista com depoimento muito interessante de Hélio, onde coloca uma ênfase especial na natureza e identidade do organismo, que vale a pena transcrever:

...Opção definindo o Conselho como órgão autônomo, em conexão com a CNBB para man-

ter a unidade, mas como leigos adultos... Dom Aloísio... mostrou que essa era a opção que os bispos desejavam, mas não queriam influenciar na nossa decisão.... Ficaram muito contentes... por nós termos escolhido essa modalidade de articulação dos leigos. Com autonomia, em união... com a Conferência Episcopal e com os demais órgãos da CNBB, ... com toda a Igreja, com todo o Povo de Deus, mas autônomos... Dizia Dom Aloísio Lorscheider..., nós precisamos

de leigos que, caminhando por si mesmos, possam... trazer as experiências que estão vivendo no mundo, nas relações com a realidade, ... que têm a responsabilidade de transformar e iluminar... Um diálogo construtivo, leigos e hierarquia na Igreja ...

Hélio colaborou também em publicações do CNLB. Foi igualmente um profissional coerente, comprometido com a ética, a justiça, a democracia e uma clara opção pelos pobres, pelo cuidado da na-

tureza, austero e consciente de que o consumo deve ser responsável”. (Maria Rosa Morala, *Instituição Teresiana – filiada ao CNLB – Agenda Formativa CNLB 2017*).

Selma Amorim e Hélio, sempre juntos no Movimento Familiar Cristão e no CNLB. Assinaram juntos vários artigos e livros, especialmente sobre a família, os filhos. À época de seu falecimento, era Diretora de Relações Institucionais do Instituto da Família/INFA do Rio de Janeiro.



Pedro Gonçalves

† 18 DE MARÇO DE 2015

“Foi também um dos fundadores e presidente do Conselho Nacional de Leigos – CNL (1981-1984; 1984-1986). Trabalhou na sua ampliação para as pastorais e regionais e vivenciou o momento mais difícil que foi o da ditadura militar, sofrendo perseguição pelo DOPS. Homem de esperança, dialogante, alegre e otimista, foi coordenador nacional e regional/RJ da Ação Católica Operária ACO, depois Movimento de Trabalhadores Cristãos (MTC) e do Movimento Operário de Ação Católica Sul Americano. Foram anos de ativi-

dade no Brasil e no exterior, sempre focados nos direitos humanos, justiça, cidadania e na inclusão.

No Rio de Janeiro, trabalhou na FASE, ONG voltada para a promoção dos direitos humanos, da gestão democrática e da economia solidária. Trabalhou também na Fundação Centro de Defesa dos Direitos Humanos Bento Rubião, no Rio de Janeiro, que visa a redução das desigualdades sociais e atende grupos populacionais que têm seus direitos humanos violados ou ameaçados.

Foi coordenador da Casa de Emaús, do Movimento Emaús,

uma ONG que se volta para os dependentes químicos, moradores de rua, pessoas sem futuro, visando a recuperação, preparação e reintegração na sociedade, trabalho difícil, querendo ver neles os protagonistas da própria libertação e da redenção do mundo, uma verdadeira utopia.

Pedro era uma pessoa muito presente e querida em todos os espaços e reconhecido pelo seu testemunho, capacidade de serviço e compromisso cristão com a Igreja e com a Sociedade”. (Agenda Formativa, CNLB 2016).



Celso de Castro Matias Neto

† 04 DE AGOSTO DE 2018

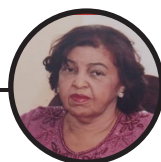
Celso Matias foi presidente do CNLB, antes Conselho Nacional de Leigos (1989- 1992; 1992-1995). Celso esteve na articulação da criação do CNLB Regional Leste II/MG desde o 1º Encontro Nacional de Leigos, em 1987 em Mariápolis/SP. A partir daí o Leste II foi criado durante a 1ª Assembleia Regional de Leigos em 1988. Formado em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1971, se especializou em Farmacologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professor da Universidade Federal de Juiz de Fora e da faculdade de Ciências Médicas de Juiz de Fora nos cur-

sos de Farmácia e Medicina.

Atuou também como Secretário Municipal de Saúde de Juiz de Fora, sendo o primeiro gestor Pleno do SUS local. Celso Matias fundou em Juiz de Fora o Centro de Defesa dos Direitos Humanos e foi membro da Comissão Municipal da Verdade, criada para elucidar casos de graves violações dos Direitos Humanos, ocorridos principalmente no período da ditadura militar.

Participou, como colaborador da Igreja em Marcha, movimento de leigos católicos com publicação quinzenal na Tribuna de Minas. Quatro são os filhos e 02 netos.

“Como Cristo, ele sempre combateu o arbítrio, as desigualdades, o autoritarismo e defendia os invisíveis com força”. Ainda lembrando o jornalista João Tavares: “Ao longo da vida, ele carregou no coração as dores de toda a humanidade. Para ele não havia distinção de qualquer espécie. Filhos e filhas de Deus somos todos irmãos, e era assim que ele via e vivia a vida. Um raro ser humano que vivia o que pensava e fazia sempre o bem, sem olhar a quem. Pai, amigo, professor, médico; difícil dizer onde ele se saía melhor” (Igreja em Marcha). (Agenda Formativa CNLB 2019).



Conceição Cabral

† 26 DE MARÇO DE 2015

Conceição, mulher, mãe de 03 filhos naturais e uma filha adotiva. Por este sinal, você já começa conhecendo essa mulher, que em vida, cuidava do outro, da outra.

“Conceição Cabral teve uma participação importante na Ação Católica Operária, no Movimen-

to Ética na Política, na Pastoral da Educação, no Movimento Negro e outras pastorais sociais, bem como na criação da Comunidade Eclesial de Base São Carlos e na criação da Comissão de Fé e Política de sua Diocese.

Atuou de forma encarnada

os valores cristãos num período difícil da luta operária em Volta Redonda, cidade do aço, sempre com as orientações de D. Waldir Calheiros, de honrável memória – Bispo da Diocese de Barra do Piraí/Volta Redonda, de presença constante junto ao povo.

Dedicada e sempre presente no CNLB Nacional, no Regional Leste 1 e no CNLB diocesano, do qual fez parte em várias gestões, algumas como presidente. Boa líder, articuladora e incentivadora, ajudou na criação e dinamização do Conselho Diocesano de Barra do Piraí/Volta Redonda, ambos

em 1989 e na gestação e criação do CNLB de Valença. Formada em Pedagogia com especialização em Educação Especial, trabalhou como professora na Escola Pública, comprometida muito além dos muros da escola.

Conceição tinha um modo de ser e agir que dava sabor, tem-

perava, facilitava e iluminava a vida e as relações humanas, como quem entende a afirmação de Jesus de Nazaré e seus seguidores: ‘a minha carga é leve e o meu jugo ligeiro’. Conceição: mulher peregrina, força feminina” (Maria Rosa Morala, in Agenda Formativa CNLB 2016).



Ana Maria de Azeredo Lopes Tepedino

† 13 DE SETEMBRO DE 2018

Ana Maria, nascida no Rio de Janeiro, casada, mãe de 04 filhos, “foi uma das mais importantes teólogas da América Latina, abrindo espaços e novas perspectivas de investigação no campo do feminino, na eclesiologia, na Teologia da Libertação. Foi pessoa muito importante na constituição da Instituição Teresiana no Brasil.

Ela estimulou novas vocações e sempre teve uma presença amorosa e fiel. Foi uma das primeiras mulheres a estudar teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e de onde era professora emérita desde 2013.

Ao longo de seus anos de ensino, além de lecionar, foi coorde-

nadora de graduação, pós-graduação e teologia a distância.

Também ensinou eclesiologia, cristologia, pneumatologia, sacramento do matrimônio e teologia dos leigos.... Segundo suas palavras, o curso de Teologia tem como missão a humanização da pessoa pela fé.

Atuou em comissões da CNBB, no CELAM, na CRB e no CNLB. Teve importante participação na Ameríndia e em outros espaços acadêmicos e eclesiais.

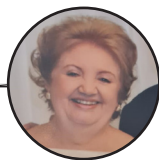
Publicou inúmeros livros e artigos. Sua produção acadêmica torna-se um legado e um patrimônio para todos nós.

Juntamente com seu marido, Renato José Mendes Tepedino (falecido em 2020) foram recebidos

no Vaticano pelo Papa Francisco. “O casal foi responsável pela criação do Centro de Promoção Social “Vic-tória Diez”, no município de Santo Antônio do Aventureiro, onde eram realizadas aulas de alfabetização, teologia, cursos diversos e muitas outras ações em favor dos menos ou não favorecidos pela sorte”.

Ana Maria assumiu o fazer teológico como proposta de vida. Deixou uma marca e um caminho. Abriu espaços e fez parte de uma geração que disse ser possível fazer teologia como leiga, como mulher e demonstrando força e coragem para assumir as dificuldades deste caminho. Fez da teologia um espaço de luta e esperança” (Agenda Formativa CNLB, 2019).

<https://www.jornalaleparahyba.com.br/2020/04/faleceu-o-advogado-empresario-e-produtor-rural-renato-jose-mendes-tepedino/>



Maria Juvanília Amorim Studart Gurgel

07 DE OUTUBRO DE 2023

†



José Jarbas Studart Gurgel

29 DE JANEIRO DE 2015

Como são belos os pés do mensageiro que anuncia o Senhor (Is 52,7).

“Podemos afirmar também, como foram belos os dias vividos pela querida Maria Juvanília Amorim Studart Gurgel. Dias belos em todos os sentidos, como filha, irmã, esposa, mãe, avó, amiga e cristã leiga no sentido verdadeiro da palavra.

Uma filha de Deus nascida em uma grande família cearense, no Município de Nova Russas, no dia 03 de abril de 1935. Teve 21 irmãos, mas a vida se encarregou de deixar mais confortável, levando 10 a Deus, ainda crianças. Ficaram doze, seis homens e seis mulheres. Ela, a primogênita, desenvolveu um grande amor aos irmãos, cuidando deles junto com a mãe. Casou-se cedo com Jarbas Studart e formou sua família com quatro filhos, onze netos e três bisnetos. Encontrava tempo para tudo, como mulher, mãe, cidadã, funcionária pública federal, exerceu com esmero sua profissão e depois de aposentada partiu para a dimensão eclesial atuando, por muitos anos, como secretária do Conselho Econômico da Arquidiocese de Fortaleza.

Compreendeu a graça do batismo, sentiu a vocação e atendeu o chamado para seguir o Senhor e servir como Igreja, a pessoa do irmão, irmã, no meio do mundo sendo de forma autêntica “sal, fermento, luz e ramo da videira”. Um ramo sempre verde cheio de vida, disposto a servir em todos os aspectos e ainda fazer frutificar, porque era perseverante, acompanhava, caminhava junto, reafirmando a cada momento suas convicções, testemunhando a força da sua fé na Trindade Santa, em Maria Santíssima e nos mistérios insondáveis dos santos e da vida cristã.

Com muito entusiasmo e cheia de fé, Juvanília, reconheceu no Organismo do Laicato-CNLB o espaço adequado para vivenciar sua vocação de cristã leiga. Nunca negou seu serviço, foi vice-presidente por dois mandatos (2004 a 2007 e 2007 a 2010), atuou no Regional Nordeste 1, na Arquidiocese de Fortaleza e na Comunidade de Vida Cristã-CVX, onde ensinou seus irmãos de comunidade a ‘amar e servir’. Assim, serviu com dedicação ao Conselho Nacional, Regional e ao Arquidioc-

sano. Neste último, com apoio de Dom Aloísio Lorscheider, ajudou a organizar, sendo presidente, tesoureira, integrante da Equipe de Formação e caminhou junto por 25 anos, como um porto seguro.

Foram muitas lições de vida, testemunho cristão e força que ela manifestou para impulsionar a caminhada do laicato, sobretudo na organização, o que nos leva a afirmar: *Juvanília, tua disponibilidade e tua lealdade ao CNLB fizeram de ti uma companheira exemplar, missionária, sempre pronta a servir.*

José Jarbas Studart Gurgel, companheiro eterno de Juvanília, foi membro atuante da CVX e do CNLB pelo Regional Nordeste 1, Arquidiocese de Fortaleza, onde foi vice-presidente de 2004 a 2010. Alegre, bem-disposto, era um exímio contador de casos, além de notável escritor. Professor na Universidade Federal do Ceará, dirigiu por 15 anos o Departamento de Obras contra as Secas, com papel importante no desenvolvimento do departamento de psicologia. Assessor de Associações de ciências naturais com publicação vários livros no exterior, Jarbas

recebeu 42 distinções de entidades nacionais e internacionais. Jarbas foi um cristão simples, fervoroso que acreditou, como Juvanília, no

CNLB e propiciou a participação de tantos outros. Cumpriram a missão! Sempre teremos Juvanília e Jarbas em nossas memórias afetivas, com

maravilhosas lembranças e guardaremos com gratidão, seus ensinamentos de fé e doação”. (Agenda Formativa CNLB 2016 e 2024).



Maria Aparecida de Souza

† 08 DE OUTUBRO DE 2023

“Maria Aparecida de Souza, carinhosamente conhecida por Cida, estava há anos à frente de atividades das CEBs e do Laicato em sua paróquia em Cacoal e na Diocese de Jí – Paraná Rondônia. Foi presidente do CNLB Regional Noroeste e trabalhou incansavelmente na sua articulação e organização. Não foi fácil estar à frente do CNLB naquelas terras com uma logística geográfica extremamente desfavorável com trechos de estradas (BR 364) em péssimas condições e Rios como parte das vias de locomoção, mais sua garra era maior que os desafios e sua força de espírito mais ainda, mesmo tendo que enfrentar problemas de saúde, com sua idade superior aos 60 anos.

Cida foi uma leiga atuante nas ações evangelizadoras da CEBs, chamada Cida das CEBs; foi um sinônimo de uma vida dedicada à Igreja em Cacoal e municípios circunvizinhos. Representou a diocese e a paróquia Sagrada Família em várias ações dentro e fora do muni-

cípio, ações que estavam voltadas a diversas coordenações. Nossa irmã na fé, deixa um legado de fé e serviço a Deus e aos irmãos, pois ela partiu deixando-nos muitas lições de amor, amizade, profissionalismo, ética e humanidade.

Cida se fazia presente em cada diocese e em todos os encontros, sua presença contagiava a todos, seu jeito humilde e meigo cativava cada participante, desde os mais veteranos até os novatos. Com olhar preciso e cirúrgico, delegava funções às pessoas certas para os cargos certos como se já estivesse preparando-nos antecipadamente para aprendermos a andar com nossas próprias pernas caso ela estivesse ausente; suas palavras eram ouvidas com muita atenção e as tarefas por ela delegada, executadas com muito cuidado para sair conforme seu planejamento, pois agia com uma maestria impecável. Fosse para onde fosse, levava consigo sempre seu material de missão, mo-

chilas bolsas e caixas contendo desde material de secretaria a material litúrgico e de ornamentação, levando consigo sempre a memória dos encontros anteriores, por meio de faixas, banners, camisetas dos encontros entre outros, de sua escolha.

No CNLB Nacional foi sempre muito querida por sua participação, acolhimento, ternura e espiritualidade encarnada. Sua ousadia, em articular um Organismo em distâncias tão grandes, fizeram dela uma desbravadora. Assim era Maria Aparecida de Souza, cuidadosa e preocupada com tudo e com todos que se faziam presente onde ela estava, conhecia cada um como uma boa mãe conhece seus filhos ou como o bom pastor conhece suas ovelhas”. (Agenda formativa, 2024). Cida, mulher mãe, mãe dos cristãos leigos e leigas de seu regional e mãe primeira de Márcia Janaína, Marta Jaqueline, José Adriano e Maria Giseli. Seus filhos com o esposo José Inácio de Souza.

Concluindo...

Estes exemplos são uma faísca na imensa lista de cristãs leigas e cristãos leigos, que nas circunstâncias concretas da vida, na Igreja e na Sociedade são testemunhas fiéis de Jesus de Nazaré.

Como se vê, o caminho de santidade se busca naquelas e naqueles que lutam pela justiça, pelos direitos humanos, pelos direitos da natureza, pelo reconhecimento do outro e da outra como sujeitos na Igreja e na Sociedade, protagonistas de sua própria história.

O caminho da santidade se busca na família, na comunidade, na Igreja, na Sociedade, no trabalho, na política, na comunicação, na saúde, na educação, enfim, as cristãs leigas e os cristãos leigos se santificam no cotidiano da vida, nas “periferias geográficas e existenciais”, no campo e na cidade. “Por conseguinte, todos os fiéis santificar-se-ão dia a dia, sempre mais, nas diversas condições da sua vida, nas suas ocupações e circunstâncias, e precisamente através de todas estas coisas, desde que as recebam com fé, das mãos do Pai Celeste, e cooperam com a vontade divina, manifestando a todos, no próprio serviço temporal, a caridade com que Deus amou o mundo” (LG 41g).

Assim as cristãs leigas e leigos vão buscando o caminho da paz e do bem comum, o Bem Viver dos povos!

Marilza J. L. Schuina, cristã leiga, pedagoga, professora especialista. Possui especialização em Liturgia e Dimensão Social da Fé. Presidente do CNLB no período de 2013-2016 e 2016-2019. Atualmente é assessora do setor CEBs da Comissão Episcopal para o Laicato/CNBB, integra a Ampliada Nacional das CEBs, o Serviço Teológico Pastora e a Comissão de Assessoria Permanente do CNLB (CAP).

Para refletir:

Quais são as cristãs e os cristãos leigos que foram exemplos de santificação na jornada do Conselho Nacional do Laicato do Brasil em sua região? Vamos recordar suas histórias de vida e suas lutas?

Para aprofundar:

1. CNBB, Documento 105 – Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na sociedade.
2. Concílio Vaticano II (1962-1965). Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.
3. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2009.
4. Francisco, Papa. Exortação Apostólica Gaudete et Exultate – O chamado à Santidade no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2018.
5. João Paulo II. Exortação Apostólica Christifideles Laici – Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo. São Paulo: Paulinas, 1990.
6. Kuzma, Cesar. Leigos e Leigas: força e esperança da Igreja no mundo. São Paulo: Paulus, 2009.

ANEXO:

Carta da 42ª Assembleia Geral Ordinária do CNLB

Conselho Nacional do Laicato do Brasil

Manaus (AM), 02 de junho de 2024.

CARTA AOS CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS DO BRASIL

"Tudo está interligado como se fôssemos um. Tudo está interligado nesta Casa Comum."
(Cireneu Kuhn)

Nós, cristãos leigos e leigas representantes dos CNLB's Regionais e Organizações Filiadas, reunidos na 42ª Assembleia Geral Ordinária do Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB, entre os dias 30 de maio e 02 de junho de 2024, no Centro Maria de Loreto, em Manaus/AM, provocados pelo tema "Cristãos Leigos e Leigos, testemunhas do Reino", e iluminados pelo lema "Quanto a nós, não podemos nos calar sobre o que vimos e ouvimos" (At 4,20), nos dirigimos aos cristãos leigos e leigas, bem como a toda Igreja do Brasil.

Acolhidos pelo Regional Norte 1, na Arquidiocese de Manaus, no coração da Amazônia brasileira, vivenciamos em unidade com a Igreja manauara, em procissão pelas ruas da cidade, a solenidade de Corpus Christi - pão celebrado e partilhado – fonte, vida e ápice da caminhada.

No itinerário para o Jubileu de Ouro do CNLB, por meio da experiência de três grandes tendas, vivenciamos a escuta, a partilha e a aproximação das realidades sociais e eclesiais do povo. Aprofundamos o pacto de sermos testemunhas de um Reino de Justiça e Paz, que almeja a preservação da Integridade da Criação, no caminho para a sinodalidade, para a cultura do encontro e para a civilização do amor.

Inspirados/as e fortalecidos/as pela Palavra de Deus, pelos testemunhos partilhados e pelos momentos de mística e celebração, comprometidos com o novo marco estatutário, que reafirma a diversidade do Organismo enquanto espaço de comunhão e participação das expressões laicais da Igreja do Brasil, somos enviados às nossas comunidades, ainda mais conscientes da nossa missão de dar testemunho profético do que vimos e ouvimos.

Na certeza de que "tudo está interligado" (LS), sensíveis às dores e lutas do povo, especialmente aquelas decorrentes das mudanças climáticas provocadas pela ação humana, imbuídos do compromisso com uma Igreja sinodal e na perspectiva do Jubileu da Esperança, renovamos nossa vocação de ser "sal da terra e luz do mundo" (Mt 5,13-14).

Assim, recordamos as eleições municipais que se aproximam e a necessidade de estarmos atentos a candidatos e candidatas que valorizem o respeito à vida, aos direitos humanos, a busca por uma justiça climática que assegure maior proteção ao meio ambiente. Que pautem a sua atuação para que nenhum grupo de pessoas, seja por diferenças étnico-raciais, de classe ou gênero, suporte desproporcionalmente as consequências das transformações do clima.

Que Nossa Senhora, Mãe Nativa, Mãe da Imensa Amazônia, esteja sempre conosco ensinando-nos a seguir os passos do Ressuscitado.

Sonia Gomes de Oliveira
Presidente do CNLB

Márcio José de Oliveira
Secretário-Geral do CNLB

Secretaria-Geral do CNLB

Página 1/1



cnlb.org.br

E-mail: secretaria@cnlb.org.br



[@cnlb.nacional](https://www.facebook.com/cnlb.nacional)



[@cnlb.nacional](https://www.instagram.com/cnlb.nacional)



[@cnlb.nacional](https://www.youtube.com/cnlb.nacional)